



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA**

ROBSON KLEYBSON LEÇA MONTEIRO

**RETRATOS DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS: a representação social da família no século XXI.**

Maceió – AL

2021

ROBSON KLEYBSON LEÇA MONTEIRO

**RETRATOS DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS: a representação social da família no século XXI.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais/Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientado por: Prof. Dr. Welkson Pires da Silva

Maceió - AL

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de
Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M775r Monteiro, Robson Kleybson Leça.
Retratos da família contemporânea brasileira nos livros didáticos de ciências sociais : a representação social da família no século XXI / Robson Kleybson Leça Monteiro. – 2021.
54 f. : il.

Orientador: Welkson Pires da Silva.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais, Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 51-54.

1. Representações sociais. 2. Livros didáticos. 3. Abordagem psicossocial. I.
Título.

CDU: 316

ROBSON KLEYBSON LEÇA MONTEIRO

**RETRATOS DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS: a representação social da família no século XXI.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais/Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais.

Aprovado em: 31 de Maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Welkson Pires da Silva

Profº Drº Welkson Pires da Silva (ICS/UFAL)

Emerson Oliveira do Nascimento

Profº Drº Emerson Oliveira do Nascimento (ICS/UFAL)

Júlio Cezar Gaudencio da Silva

Profº Drº Júlio Cezar Gaudencio da Silva (ICS/UFAL)

AGRADECIMENTOS

A minha família que me apoiou e acreditou no meu potencial. Em especial aos meus pais.

Ao meu orientador, professor Welkson, que teve toda paciência, dedicação e profissionalismo nos momentos de revisão e correção dos meus erros. Sou muito grato pelo aprendizado.

Aos professores que passaram por minha jornada acadêmica, que se dedicaram com empenho e transferiram conhecimentos que ajudaram na minha formação, tenho um grande carinho por todos.

Aos meus colegas de curso, um imenso carinho para aqueles que decidiram deixar o curso, e os que continuaram e completaram a jornada acadêmica.

Por fim, aos meus colegas de trabalho que torceram por mim e me apoiaram com frases que me estimularam a alcançar o melhor resultado.

RESUMO

Realizamos de forma empírica uma pesquisa avaliativa em cinco livros didáticos de Sociologia aprovados pelo PNLD 2018. O objetivo da monografia é verificarmos de que maneira a representação social familiar está emitida nesses livros de Sociologia. Ou seja, os valores que estão contidos nos livros estariam descritos de acordo com a ciência ou senso comum, podem ser provido dos autores. Na colaboração desta pesquisa, buscamos auxílio dos dados apurados pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), para avaliarmos se todas as variáveis, formações divergentes das famílias e os números de parentesco correspondentes estão presentes em cada livro didático. Baseamo-nos também na perspectiva de análise de Serge Moscovici que juntou a Sociologia com a Psicologia e criou a concepção de psicossocial, um qualificativo que define a perspectiva para essa análise, avaliando toda ação humana na sociedade. Assim usamos a representação social como ponto chave para verificarmos como os autores dos livros, conhecidos como emissores de informações, descrevem e repassam o conteúdo para os leitores determinados como receptores, no caso para os alunos. Essa análise está direcionada em toda escrita que consta nos livros como também remetem as imagens, pois as gravuras descrevem como as representações são lidas pelos emissores, a partir de como são divulgadas e estabelecidas como conteúdo. O trabalho dos autores é direcionado àqueles que possuem o conhecimento do senso comum. Dessa forma as imagens podem construir ideias quando surgem com o tamanho menor que as demais ou que estejam fora de contexto, divulgadas em cores preto e branco que podem expressar sentimento de raiva, ódio ou deboches criados pelo senso comum. Assim percebemos que parte do conteúdo visual, descritos por esses autores de livros sociológicos, remete ou não aos fatos de maneira persuasiva e/ou descrevem de acordo como demanda as Ciências Sociais, sem que o senso comum compareça nas concepções relacionadas às imagens. Por fim, verificamos como os livros podem remeter na vida cotidiana dessa pluralidade familiar, ou seja, nas condições positivas ou negativas que todo contexto pode ocasionar, de acordo com a maneira que a imagem é divulgada, prejudicando ou não toda conquista histórica que cada tipo de formação familiar conseguiu ao longo do tempo.

Palavras-chave: Representação social; Livros didáticos; Psicossocial.

ABSTRACT

We empirically carried out an evaluative research in five Sociology textbooks approved by the PNLD 2018. The objective of the monograph is to verify how the family social representation is emitted in these Sociology books. In other words, the values that are contained in the books would be described according to science or common sense, they can be provided by the authors. In collaboration with this research, we sought the help of data collected by the Institute of Geography and Statistics (IBGE), to assess whether all the variables, divergent family backgrounds and the corresponding kinship numbers are present in each textbook. We are also based on the analysis perspective of Serge Moscovici who joined Sociology with Psychology and created the concept of psychosocial, a qualifier that defines the perspective for this analysis, evaluating all human action in society. Thus, we use the social representation as a key point to verify how the authors of books, known as senders of information, describe and pass on the content to the readers determined as receivers, in this case to the students. This analysis is directed at all writing that appears in the books, as well as the images, as the engravings describe how the representations are read by the issuers, based on how they are disclosed and established as content. The authors' work is aimed at those who have knowledge of common sense. Thus, the images can build ideas when they appear smaller than the others or when they are out of context, displayed in black and white colors that can express feelings of anger, hatred or mockery created by common sense. Thus, we realize that part of the visual content, described by these authors of sociological books, refers or not to the facts in a persuasive way and/or describes them according to what the Social Sciences demand, without common sense appearing in the conceptions related to images. Finally, we verified how books can refer to the daily life of this family plurality, that is, in the positive or negative conditions that any context can cause, according to the way the image is disseminated, harming or not every historical achievement that each type of family formation achieved over time.

Keywords: Social representation; Didactic books; Psychosocial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Representação de museu.....	32
Figura 2: Modelos de estrutura familiar	33
Figura 3: Comemoração de jovens aprovados no exame vestibular	34
Figura 4: Casamento homoafetivo	35
Figura 5: Posição social do homem e da mulher.....	37
Figura 6: Família homoafetiva.....	39
Figura 7: Conquistas femininas (direitos iguais ao sexo oposto)	40
Figura 8: O casamento monogâmico	43

QUADROS

Quadro 1: Livros selecionados pelo PNLD 2018.....	29
---	----

GRÁFICOS

Gráfico 1: População por sexo no Brasil (1872-1996).....	20
Gráfico 2: Tipo de família por domicílios particulares (Brasil-1991).....	21
Gráfico 3: Casamentos e divórcios 2018.....	23
Gráfico 4: Série histórica de casamentos homoafetivos.....	25
Gráfico 5: Série histórica de taxa de fecundidade 1940 a 1991.....	26
Gráfico 6: Série histórica de taxa de fecundidade 2000 a 2018.....	27

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2. A RESPECTIVA MOSCOVICIANA ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES À LUZ DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	13
3. A ESTRUTURA FAMILIAR DE ACORDO COM O PNAD CONTÍNUA.....	19
4 REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA	29
4.1 Livros didáticos de Sociologia avaliados	29
4.2 Descrição e análise do livro Sociologia	30
4.3 Descrição e análise do livro Sociologia Hoje.....	35
4.4 Descrição e análise do livro Tempos Modernos, Tempos de Sociologia.....	38
4.5 Descrição e análise do livro Sociologia em Movimento.....	39
4.6 Descrição e análise do livro Sociologia para Jovens do Século XXI.....	41
5. TRANSFORMAÇÕES E CONDIÇÕES PARA A NOVA FAMÍLIA BRASILEIRA DO SÉCULO XXI	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
7 REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Nos momentos que a passagem de séculos ocorre de maneira gradativa, os comportamentos, as vestias, utensílios e pensamentos são modificados. Todos os parâmetros estabelecem seus ordinários que resultam em representações sociais. Todas as ideias antes evidenciadas pela sociedade partem do pensamento humano. Ou seja, toda ação é reagente do pensamento. A Sociologia apresenta conceitos que responde em partes toda essa mudança que ocorre por séculos, motivo pelo qual cada um dos autores da Sociologia apresentam conceitos distintos e que se encaixam em partes no que se diz respeito à representação social. Porém um psicólogo social, originado da Romênia, conhecido por Serge Moscovici, escreveu a obra “La Psychanalyse, son image et son public” em 1961 que apresenta a junção da Sociologia com a Psicologia e criou a perspectiva psicossocial para avaliar toda ação humana na sociedade. O psicossocial analisa assim, o comportamento do indivíduo dentro de um grupo ou grupos que estabelecem a sociedade, neste caso a perspectiva psicossocial, verifica todo tipo de representação social, principalmente, o momento que o indivíduo conhecido como o emissor, aquele abastecido de conhecimento ou senso comum, transmite suas informações ao receptor, considerado a mente desprovida de ideias ou tábua rasa. Porém, há aqueles que são contra a ideia ou consenso que muitos concordam ou apoiam, pois quando adquirem informações, ao se deparar com o tema repassado e construído de maneira divergente, o receptor começa a analisar as informações e concorda com o que achar conveniente.

Dessa forma decidimos avaliar os cinco livros didáticos de Sociologia aprovados pelo PNLD 2018, para observar como o autor ou autores desses livros tratam a família brasileira contemporânea de acordo com os parâmetros que são estabelecidos às famílias na sociedade. É uma maneira de verificarmos como esses autores, que são considerados pela teoria moscoviciano, como emissores, transmitem e estabelecem a imagem da família para os discentes que são determinados receptores.

Para conferir as formações que ocorrem no âmbito familiar precisamos também do auxílio dos dados apurados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística) que criou o PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), onde os pesquisadores do instituto têm o intuito de apurar dados, através de questionários, direcionado ao membro da família responsável financeiramente. Assim, a função do PNAD Contínua é transmitir informações diárias sobre qualquer informação

que seja deslocada da temática renda, como por exemplo, os tipos de família no país. Assim, arrecadam o número de membros que não fazem parte de uma formação considerada familiar nuclear e que podem fazer parte de uma família homoafetiva, monoparental, matrimonial, reconstituída, unipessoal, etc. São essas características que fazem parte das novas formações familiares e que podemos encontrar ou não nos livros didáticos.

Depois que obtivemos toda informação que consta nos parágrafos anteriores, a nossa proposta metodológica foi verificarmos como a escrita e as imagens dessas famílias são estabelecidas nos livros didáticos, de acordo com a perspectiva moscoviciana. Ao ponto de avaliarmos o tamanho da figura, de acordo com a proporção em relação às outras imagens de família, quanto a cores em destaque para essas imagens, o foco em abundância em relação à descrição da imagem. Esse levantamento é importante para verificarmos os conceitos e preconceitos que podemos encontrar de maneira oculta mesmo que seja direcionado ao conteúdo sociológico, com foco sempre no emissor ou emissores.

Além dessa preocupação de avaliar imagens, verificamos se houve discrepância em relação aos dados do IBGE. Ressaltamos que não há como comparar resultados contínuos com os resultados apresentados nos livros didáticos de 2018. Porém a diferença de dados e a maneira como esses resultados foram direcionados e mencionados nos livros podem sim interferir em questionamentos e que podem mudar o percurso da opinião dos receptores. Dessa maneira, quando os livros apresentam o tema, dependendo de como o assunto é tratado, a ideia pode ser consistente em demonstrá-lo como algo positivo ou negativo. Além disso, quem publica, no caso o autor, apresenta algo memorável e que faz parte da história.

O receptor da ação necessita passar pelo mesmo processo de memorização para interagir com o indivíduo agente da ação. Percebemos que o receptor embarca na história e na memória para repassar ao interlocutor, assim obtém o poder de dar continuidade com o desfecho ou modifica-lo. E quando nos depararmos com o tema da representação social, principalmente no contexto familiar, por séculos, verificamos que o elenco familiar se modifica a cada passo da história e essas novas estruturas familiares podem ser consideradas absurdas para os nossos antepassados e principalmente pode caber o mesmo sentido para essa juventude despreparada que recebem as informações sobre o tema no momento da aula de Sociologia.

Por isso, não cabe apenas abarcar em livros didáticos, pois o contexto histórico também está fora das páginas dos livros, e tudo que faz parte da escrita que foi desenvolvido através das interações entre os indivíduos no meio social. Com todos os dados apurados, buscamos analisar os motivos que levam a sociedade aceitar ou não uma determinada formação familiar, e como há o crescimento ou decadência dessas famílias, e se surgiram novas famílias com a separação de outras formações. Baseada em toda pesquisa do IBGE.

Em sequência, o presente trabalho está estruturado da seguinte maneira, além da introdução: no capítulo 1, verificamos como a perspectiva moscoviana, em relação à representação social, foi construída à luz das Ciências Sociais. Analisamos que os conceitos dos clássicos e dos autores contemporâneos de fato contribuíram para a origem do conceito de representação social, principalmente partindo das perspectivas de Durkheim. Percebemos que as perspectivas de cada autor das Ciências Sociais foram atribuídas apenas para análises complementares em relação às figuras incorporadas nos livros didáticos. Por fim, decidimos que a teoria do Moscovici será a definição para avaliar os livros e toda demanda informada na monografia.

No Capítulo 2, comentamos um breve histórico da família brasileira, como se desenvolveram ao longo dos séculos, e que tipos de famílias estão estruturadas no século atual. Apresentamos os motivos, causas e consequências, que levaram as mudanças nessas formações familiares, que eram apenas representadas pela família patriarcal. Para adquirir as variáveis, quantidades e informações de todos os membros que fazem parte da família, apuramos dados através do IBGE, que informa o censo junto com os dados do PNAD Contínua. Assim, toda história relatada se intercala com os dados, gráficos que são atribuídos nesta pesquisa.

No terceiro capítulo tratamos de avaliar os livros didáticos aprovados pelo PNLD 2018 de acordo com a perspectiva moscoviana. No primeiro momento descrevemos um breve informativo dos livros de Sociologia e em sequência informações de todos os livros didáticos quanto a número de páginas, se o conteúdo está inserido em algum capítulo ou possui sua própria seção, quais temas são abordados nos livros que fazem parte de todo conjunto do núcleo familiar e que termos/afirmativas são desenvolvidos para explicar as mudanças dessas famílias. Essa segunda parte é mais específica, em que averiguamos as imagens retiradas dos livros didáticos com o auxílio das observações de Serge Moscovici, demonstramos assim os pontos positivos e negativos de todas as imagens selecionadas. Verificamos o posicionamento de cada uma

delas, se estão descritas de maneira correta, o tamanho da imagem em relação às outras, a cor da imagem, os personagens e todo conjunto avaliativo para descrevê-las. As imagens transmitem uma informação visual de como os indivíduos interagem com as representações sociais.

No quarto e último capítulo, apresentamos as condições que as mudanças trouxeram para essas novas famílias que fazem parte do século atual. A batalha de cada membro familiar no querer dos demais indivíduos em aceita-los. Sabemos que vivemos no mundo de conceitos e preconceitos, seja no ambiente de trabalho, nas ruas e no campo da religião. O capítulo aborda e demonstra como cada grupo familiar da modernidade conseguem ou ainda luta para obter o mesmo espaço da família, que já foi patriarcal, e que nos tempos atuais são denominadas nucleares. Questões como a sexualidade, machismo, homofobia, são discutidos no capítulo. Assim todos os questionamentos são respondidos com as afirmações de Serge Moscovici.

2 A PERSPECTIVA MOSCOVICIANA ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS À LUZ DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Nos momentos que debruçamos na compreensão das sociedades e comparamos os sujeitos que viveram em séculos distintos da história, notamos diferenças de comportamentos, vestias e, principalmente, distinções na estrutura familiar. As Ciências Sociais analisam o quadro familiar de acordo com os dados empíricos desde o momento que a família começou a ser estruturada como patriarcal e acompanha o progresso dessas novas estruturas com o auxílio das afirmativas de pensadores como os clássicos: Marx, Durkheim e Weber além dos admiradores e críticos clássicos. Grande parte da história associa a mudança radical da estrutura familiar à revolução industrial, em especial no que diz respeito ao seu impacto nos sistemas econômicos. Em linhas gerais, alguns autores das Ciências Sociais se limitam a estabelecer essa associação que, por si só, não explica as diversas formações de famílias que têm surgido. De toda forma, mesmo que limitados, os estudos desenvolvidos por esses autores têm implicado numa mudança de percepção da sociedade em relação à família, quebrando preconceitos e dando visibilidade a outras formações familiares para além da imagem nuclear e heteronormativa de família.

Marx e Engels (2007), por exemplo, afirmam que a maneira como os indivíduos manifestam suas vidas coincide com suas produções, pelo qual o modo e relação de produção adotada por cada sociedade são determinantes na formação das representações sociais. Neste caso, segundo Marx (2008) o modo de produção determina o processo de formação da vida social, econômico, política e espiritual, enquanto que a estrutura econômica da sociedade (relação de produção) sustenta a superestrutura jurídica e política. Os dois fatores, jurídico e político, são indispensáveis por Marx para compreender a formação das consciências dos homens que envolve diretamente a realidade social de cada sujeito. A base material determina a sociedade, logo, se as pessoas estiverem em posições distintas, às representações sociais manifestadas tendem a ser desiguais. Assim, “a produção de ideias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à atividade material e o intercambio material dos homens, como a linguagem da vida real” (MARX, ENGELS, 2007). No entanto, sua definição é questionada pelos demais autores dentro do campo sociológico ao afirmarem com seus conceitos, que nem todos os fatos de representação social estão

relacionados meramente com a produção, sobretudo a matéria como fio condutor da estrutura de classe.

Em relação ao conceito de fatos sociais, do sociólogo Émile Durkheim, o mesmo não visa às representações sociais de uma maneira singular e sim verificar como um todo, pois para o autor, seria projetado como representações coletivas, uma verificação coletiva sem mais motivos para descrever determinados contextos. Além disso, fatos sociais são tipos de comportamentos ou atitudes que não são só exteriores ao indivíduo, são atos coercitivos, ou seja, é uma força que coage, torna-se obrigatória mesmo sem querer passar a fazer parte da determinada colocação ou situação. Quando as pessoas nascem são obrigadas a entender que aqueles que os criam, alimentam, os banham, são considerados seus pais, e os dependentes são considerados seus filhos. Nesses momentos, acontecem trocas de informações e ao mesmo tempo desempenho de papéis que foram coercivos aos sujeitos. Apresenta-se de uma forma imperativa, obriga as pessoas a aceitar que cada um tem o papel a desempenhar dentro da sociedade, onde não há possibilidade de contradição.

Para Durkheim é comum o indivíduo pensar, comer, beber, dormir, raciocinar, etc. Isso acontece em todas as sociedades sobre um grupo de determinados fenômenos, que se distinguem por características acentuadas dos estudados pelas outras ciências da natureza (Durkheim, 2007). Fato Social para Durkheim é quando o indivíduo desempenha o papel de irmão, pai, filho, esposo, ou até mesmo o papel de cidadão. Dessa maneira as pessoas executam deveres e compromissos que assumiram para além de todos e dos seus atos, no direito e costumes. Durkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar o que pode servir para integrar a sociedade como um todo (MOSCOVICI, 2007, p. 15).

Max Weber afirma que sua teoria está estruturada na representação individual, ou seja, a ação origina-se do indivíduo. Para Weber a Sociologia deve analisar a ação social e não acreditava que as estruturas eram externas ou que eram independentes dos indivíduos. Dessa maneira, o autor aprofunda-se em avaliar e alavancar provas de que as ações acontecem através das particularidades dos indivíduos. A ação social, portanto, é a conduta humana dotada de sentido subjetivo, onde cada sujeito age levado por um motivo que é dado pela tradição, por interesses racionais ou pela emotividade (WEBER, 2002). Neste caso Weber tratava de uma Sociologia compreensiva, pois a concepção weberiana sobre as representações sociais está associada tanto ao conjunto de ações individuais dotadas de sentido, quanto pelo ato de representar um grupo, através dos

tipos de dominação legítima (SANTOS; DIAS, 2015, p.181). Weber aprofunda-se em avaliar e alavancar provas de que as ações acontecem através das particularidades dos indivíduos, pois as estruturas sociais são formadas por uma complexa rede de interações individuais, sendo o sujeito social o fio condutor das relações e das representações, é quem estabelece a conexão entre o sentido e o motivo da ação. Por isso, afirma Weber que o objetivo da Sociologia compreensiva é a compreensão dos significados das ações sociais (GIDDENS, 2005).

Verificamos que os conceitos elaborados pelos clássicos, a luz de suas pesquisas, demonstram que não estão propícios para avaliar quaisquer dos livros de Sociologia da maneira que demanda a ideia da monografia, pois o objetivo é verificar quanto ao observar, classificar e avaliar o contexto que o livro didático de Sociologia apresenta, sobretudo das imagens propiciadas nos livros. Ou seja, o que cada imagem, escrita e dentre outros elementos do livro, tentam repassar para o discente. Ressaltamos que de fato os conceitos dos clássicos não deixam de serem importantes. Porém é notório que os conceitos da Sociologia demandam significados dispersos e frisamos que não foram elaborados para fins de representação social.

Passamos a analisar os autores da Sociologia contemporânea, optamos por avaliar apenas Michael Foucault e Pierre Bourdieu. Para Foucault a representação social está relacionada ao poder, uma forma de estratégia, onde seus efeitos não são atribuídos a uma apropriação, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas (FOUCAULT, 1987, p. 29). Foucault dar prioridade ao poder e a maneira como a sociedade se porta após adquiri-lo. Além de verificar como os subalternos se comportam em relação àquele que possui todo status de soberania. No entanto, se sua teoria fosse analisar os livros didáticos, caberia na postura em lançar determinado tema que esteja apto a impressionar o leitor de maneira crítica, e que poderia aparentemente guiar o leitor para uma avaliação de leitura constituída de discurso de ódio ou a favor do tema.

A teoria de Bourdieu afirma que através de influencias de ideias, valores, crenças e ideologias surgidas anteriormente em uma sociedade, às representações sociais tornam-se frutos desses elementos abstratos. Essas influencias estão presentes na linguagem que a sociedade utiliza para a comunicação, nas religiões e até mesmo no senso comum que compõe o *habitus* de cada agente, nas concepções que convêm os participantes dos campos sociais, grupos profissionais e classes sociais. O que acontece é que os antepassados deixam registros e opiniões a respeito de determinado contexto ou ideia lançada no livro. Porém o livro, ou melhor, o autor não pode dar opiniões

apenas sugestões e mecanismo para que a imagem, assunto, etc, seja uma forma de fazer o discente avaliar o tema da forma em que o mesmo raciocine o discurso com coerência e que se desprenda das colocações apresentadas pelos seus antepassados, ou a geração anterior.

No momento que avaliamos as teorias dos autores citados acima, verificamos que o termo “representação social” não tem uma definição específica para atribuir diretamente e somente aos estudos da Sociologia, pois os autores apresentam uma percepção de representação social de acordo com suas análises, apenas ajudaram a desenvolver o tema em outra área, em específico a Psicologia. Dessa maneira, é notório que muitos conceitos e representações recebam significados distintos e passem a ser objeto de disputa por grupos sociais que mantêm algum interesse na hegemonia sobre as narrativas. Por isso tomemos a decisão de avaliar as representações sociais da família nos livros didáticos de acordo com a teoria moscoviciana¹.

Para Serge Moscovici as representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância. Tal como a ciência ou os mitos corresponde a uma prática científica e mítica (MOSCOVICI. 1978. p.16).

Em outras palavras, o autor afirma que as representações sociais surgem por meio de uma interação entre indivíduos, ou seja, quando pessoas agem de maneira recíproca acontece uma relação dentro de um contexto social. E seu intuito para elaboração do conceito remete em explicar e compreender a realidade social, considerando a dimensão histórico-crítica (OLIVEIRA; WERBA, 2003). A interpretação de interação social descrita por Moscovici seria como algo memorável e que o indivíduo, receptivo da ação, necessite passar pelo mesmo processo de memorização para interagir com o indivíduo agente da ação. O mental é reagente da memória e serve como impulso para que a ação aconteça e a interação social funcione,

¹ Em 1961, Serge Moscovici escreveu a obra “La Psychanalyse, son image et son public”, onde expõe a ideia construtiva do conceito de representação Social através do estudo da Psicologia Social, ramo da Psicologia criada com a junção do fenômeno psicológico (mental), e o fenômeno Sociológico (social). Trata-se de um fenômeno psicossocial que nasceu na Sociologia clássica e na Antropologia, cuja teoria se desenvolveu especialmente nas obras de Durkheim e Lévy-Bruhl.

através do envolvimento dos indivíduos. Por isso Moscovici afirma que o social necessita do mental.

Moscovici atribuiu a Sociologia a suas pesquisas ao ramo da Psicologia e adaptou para criar o conceito de Representação social. Observamos que a representação social acontece através de uma interação social, ou seja, um compartilhamento de ideias que parte do autor para que o interlocutor associe e não necessariamente precise desenvolver ou reproduzir a ideia, basta apenas assimilar o que foi transmitido.

Essa transmissão é contínua, visto que o autor afirma que a interação social seria como algo memorável e que o indivíduo, receptivo da ação, necessita passar pelo mesmo processo de memorização para interagir com o indivíduo agente da ação. O mental é reagente da memória e serve como impulso para que a ação aconteça e a interação social funcione, através do envolvimento dos indivíduos. Por isso Moscovici afirma que o social necessita do mental. É dessa maneira que Moscovici agrega a Sociologia com a Psicologia, desenvolveu assim o que denomina como Psicossocial que consiste apenas na teoria do pensamento social que seja compartilhado entre grupos.

Moscovici atribuiu a Sociologia a suas pesquisas ao ramo da Psicologia e adaptou para criar o conceito de Representação social, verificamos a que a perspectiva apresenta a compreensão das ideias, imagens, conhecimentos e demais representações que orientam a construção das identidades dos sujeitos e suas ações e que são perpassadas aos livros didáticos. Verificamos que toda representação social acontece através de uma interação social, ou seja, um compartilhamento de ideias que parte do autor para que o interlocutor associe, e não necessariamente precise desenvolver ou reproduzir a ideia, basta apenas assimilar o que foi transmitido. Em sua carreira, o autor inclinou-se ora em direção à generalidade, ora em direção à singularidade. Ora para a continuidade dos "temas gerais", ora para a particularidade irreduzível dos atos individuais. Isso porque, para ele, há sempre indivíduo e sociedade. No que se refere, contudo, à polêmica entre os termos "coletivas" e "sociais", o autor afirma de maneira não menos cautelosa: "não se deve multiplicar conceitos sem necessidade" (OLIVEIRA, 2003, p. 348). É por meio dessa relação que partiremos com a análise do tema como conteúdo didático nos livros da maneira que a ação ocorre entre o autor e discente, não só através da escrita, mas sim, o que a imagem, figuras e outros mecanismos desejam repassar para o leitor.

Acredita-se que a imagem pode fortemente nos auxiliar a conhecer as representações sociais porque nos permite ir além de seus conteúdos

ativados e expressos de forma verbal. Toda representação como produto temporário de processos de comunicação social possui uma imagem objetivada, ou seja, uma representação imagética do objeto social que o simplifica e é naturalizada, ou seja, tomada como o próprio objeto real. A objetivação é a concretização da representação, o processo que estabelece seu núcleo figurativo: "um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias" (Moscovici, 2003, p. 72).

A definição de Moscovici será o ponto de partida para associação das perspectivas teóricas citadas neste tópico. No próximo capítulo verificamos os tipos de família que fazem parte do século XXI com o auxílio do PNAD Contínuo. Assim, daremos sequência nas avaliações dos livros didáticos de Sociologia de acordo com os achados estatísticos.

3 A ESTRUTURA FAMILIAR DE ACORDO COM O PNAD CONTÍNUA

Neste capítulo elaboramos um breve histórico da família brasileira para entendermos a mudança de sua estrutura familiar ocorrida ao longo dos séculos. Com o auxílio dos dados do IBGE, intercalamos todo resultado com a história, isso porque o instituto originou-se na década de 1930, e todos os resultados foram obtidos com o levantamento do PNAD Contínua².

A História da família brasileira começa no período colonial. Naquela época existia família com maiores quantidades de membros, considerada a família patriarcal. Esse modelo de família iniciou na primeira metade do século XVI, que foi oriunda da herança cultural trazida pelos portugueses. Nesse contexto, desenvolveu-se uma estrutura social em que a família funcionava como um núcleo composto pelo chefe da família (patriarca), sua mulher, filhos e netos, que eram os representantes principais; e um núcleo de membros considerados secundários, formados por filhos ilegítimos (bastardos) ou de criação, parentes, afilhados, serviçais, amigos, agregados e escravos (ALVES, 2009, p. 02). O patriarca era representado pelo sexo masculino, era o responsável de cuidar dos negócios e defender a honra de sua família. Ou seja, o patriarca tinha autoridade sobre toda família e de todos que estivessem sob a sua influência. Neste sistema o primogênito herdava as terras do pai e os demais filhos homens estudavam para se formarem em Medicina, Direito ou se tornariam padres, isso acontecia se a família fosse do núcleo religioso, e as filhas mulheres eram encaminhadas aos conventos.

O autor Gilberto Freyre em seu livro “Casa Grande e Senzala”, publicado em 1933 apresentou o modelo da família patriarcal no Brasil e sua predominância. Porém pesquisas elaboradas pelo IBGE nos anos 90 revelaram que o modelo patriarcal não foi predominante em todo período Colonial (1530-1822), pois existiam famílias com estruturas mais simples e com menores números de integrantes. Observamos que fica difícil estabelecer comparações, porque os registros populacionais são esparsos, impossibilitando uma contagem geral dos habitantes. No entanto, sabe-se por descrições

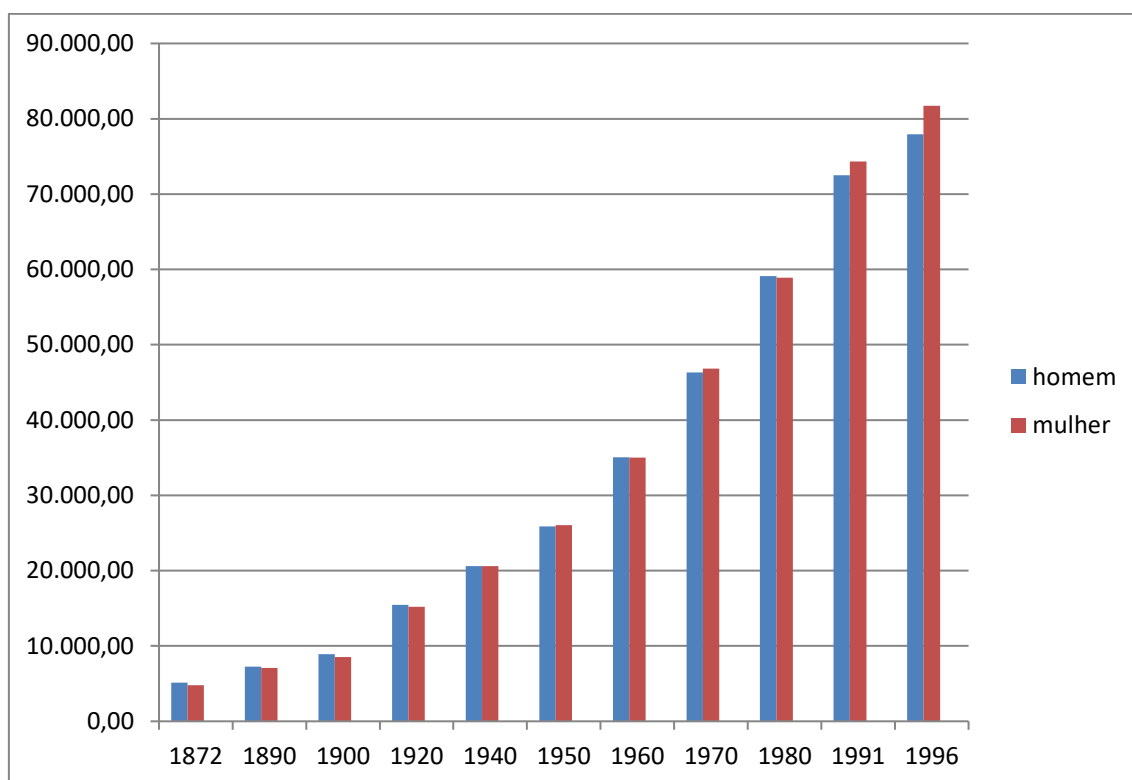
² Pesquisa e produz informações sobre a inserção da população no mercado de trabalho, apresenta características, conhecidas como variáveis. Tais como idade, sexo e nível de instrução. Permite também avaliar o desenvolvimento socioeconômico do país através da produção de dados anuais sobre outras formas de trabalho, trabalho infantil, migração, entre outros temas.

de viajantes e memorialistas, referentes aos séculos XVI, XVII e XVIII, que a situação era inversa, com o predomínio da população masculina (SAMARA, 2002, p. 03).

Informamos que não há motivos de desmerecer a pesquisa de Freyre, pois o autor desenvolve a formação da sociedade brasileira a partir de temáticas como comidas, vestíais, sexualidade, hábitos, etc. Além de que o período Colonial começou em 1530 e a escravidão iniciou no Brasil em 1535 no Estado da Bahia. Neste caso, a família patriarcal começou a ser formalizada nesse período no Brasil. Já a pesquisa do IBGE apura dados concretos a partir de 1872 na época Imperial, Pós-período Colonial.

O primeiro Censo Geral do Brasil foi apurado em 1872 e foi dado continuidade até a última contagem estatística no ano de 1996. Dessa forma observamos a quantidade de homens e mulheres existentes no Brasil.

Gráfico 1: População por sexo no Brasil (1872 – 1996)

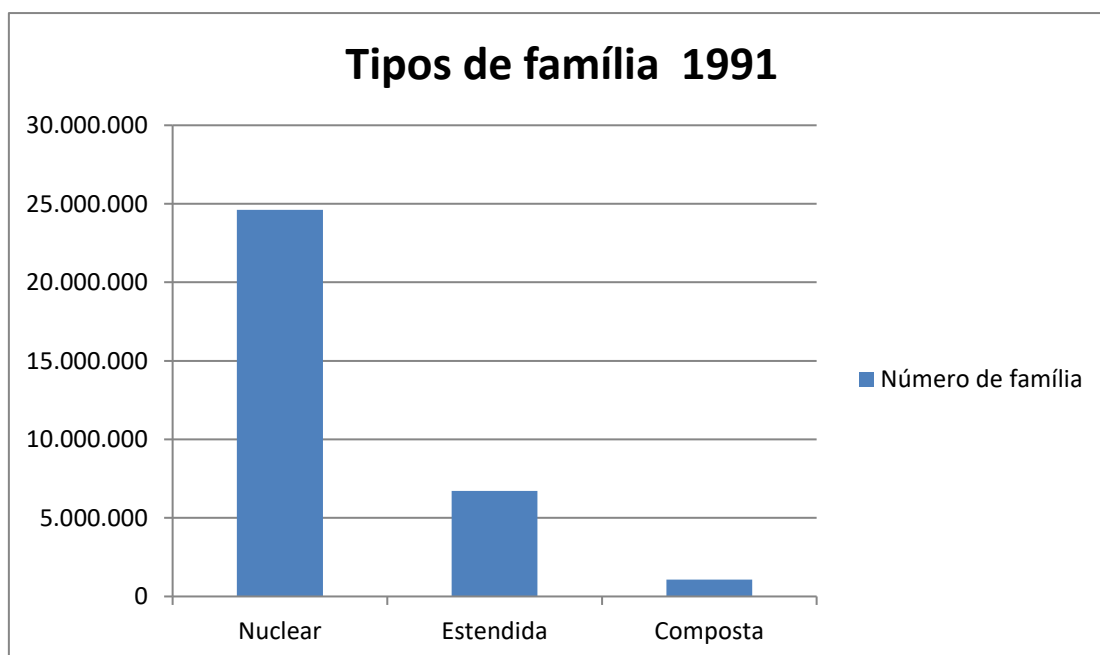


Fonte: Estatística do Registro Civil 1997

Este resultado apresenta o crescimento do sexo feminino durante o trajeto dos anos. Houve variações de 48,40% para 50,70%. Observamos que em 1970 as brasileiras conseguem ultrapassar o sexo masculino através da taxa de natalidade. Enquanto isto ocorre o decréscimo do número de homens no Brasil, cerca de 51,60% para 49,30%. O

significado deste resultado traz o sentido de que a família patriarcal foi desestruturada e a consequência acarretou na formação de outros tipos de família. Há que se considerarem também as diferenças estatísticas regionais em um país de porte continental como o Brasil e a migração populacional, especialmente a masculina para áreas economicamente mais atrativas, fato que ocorreu inúmeras vezes ao longo dos cinco séculos da nossa História (SAMARA, 2002, p. 04). Segundo Moscovici, (2012) esses motivos trazem mudanças na vida cotidiana de uma família ou na vida do indivíduo, porém, o propósito de todas as representações é tornar algo não familiar em familiar, atenuando as estranhezas peculiares ao surgimento de um novo objeto na vida social, introduzindo-as no espaço comum por meio do encontro de múltiplas visões. O próximo gráfico a seguir apresenta as novas formações de família nos domicílios particulares em 1991, essa pesquisa apresenta o censo apurado em 1997.

Gráfico 2: Tipo de família por domicílios particulares (Brasil – 1991)



Fonte: Estatística do Registro Civil 1997.

Esse gráfico apresenta a mudança de formação familiar de acordo com status da geração naquele momento. Percebemos que a família patriarcal não foi avaliada neste gráfico, porém não há significância de que a família patriarcal foi totalmente desconstruída, ressaltamos de que essas evidências estatísticas podem ser construídas através dos parâmetros econômicos, como visto em Marx, pois a economia pode mexer na construção da estrutura familiar em grande parte da população. A nossa percepção

vista no gráfico 2 foi demonstrar o surgimento de um novo tipo de estrutura familiar que foi denominada nuclear³.

Essa nova estrutura familiar apresentava de maneira definida os papéis dos sexos por costumes e tradições apoiados nas leis. O poder de decisão formal pertencia ao marido, como protetor e provedor da mulher e dos filhos, cabendo à esposa o governo da casa e a assistência moral à família (SAMARA, 2002, p. 05). Até o momento o sexo masculino continua com toda responsabilidade que foi oriunda da família patriarcal. Avaliamos assim que a diferença da família patriarcal em relação à família nuclear está relacionada em dois pontos: o primeiro visa à quantidade dos membros, pois houve uma queda na taxa de natalidade. O segundo ponto é que está relacionado às regras do momento econômico da época.

Foram cerca de 24.613.556 de famílias avaliadas compondo 75,93% dessas famílias consideradas nucleares. Essas mudanças se acentuaram ao longo do século XIX, com o desenvolvimento econômico no Sul do país provocado pela cafeicultura. Ocorreram, além disso, modificações políticas importantes (Independência em 1822 e República em 1889), alterações no sistema de mão-de-obra com a abolição da escravidão (1888) e a entrada de imigrantes. Os reflexos de tudo isso serão sentidos na distribuição espacial da população brasileira e também no mercado de trabalho (SAMARA, 2002, p.06).

Com o passar do tempo, a taxa de natalidade de homens diminuiu cada vez mais com o avançar das décadas. Diferente da quantidade do sexo feminino que conseqüentemente começaram a frequentar mais o mercado de trabalho e isso acarretou mudanças no seio familiar. Essa inserção feminina no mundo do trabalho aconteceu pela luta da independência financeira e que reivindicaram os mesmos direitos que os homens possuíam no mercado de trabalho. A reviravolta acontece após a chamada Revolução Feminista da década de 1960⁴, fato que acontece uma década antes do crescimento das mulheres na população brasileira. Antigamente era inadmissível a mulher ter direitos como: estudar, trabalhar fora do lar, votar, etc. Embora direitos como esses representem conquistas femininas (ou feministas), há que se considerar, também,

³ Formada nos séculos XVIII e XIX, época da Revolução Industrial, onde o trabalho artesanal foi substituído por máquinas e os funcionários passaram a ganhar salários. Diferente do que ocorreu no início dos séculos XVI e XVII, a economia da Colônia esteve, basicamente, assentada nas plantações de cana localizadas no Nordeste (SAMARA, 2002).

⁴ O final da década de 1960 se tornou um importante marco do reascenso da luta feminista, que questiona a subordinação da sexualidade feminina à maternidade, a problematização do lugar que as mulheres ocupam na sociedade, nas relações cotidianas e nas organizações políticas.

que é fruto de conjunturas históricas específicas (MORAES, 2012. p. 02). A mulher conseguiu seu espaço no mercado de trabalho, historicamente, quando o homem não tinha mais condições financeiras de sustentar a casa sem outra renda ou sozinho. Logo, a situação da mulher muda com variedades de vagas e oportunidades de trabalho.

No mundo contemporâneo, cada vez mais o machismo persiste, pois à revelia de certas situações sociais. Mesmo assim, um espaço é dado às chefas de família. As condições histórico-culturais que influenciam os discursos sobre a posição da mulher na sociedade, como os discursos machistas, vão diminuindo. Porém, algumas mulheres que trabalham fora ainda cuidam da casa e dos filhos, segundo o IBGE (2019). Nem sempre o sinônimo de independência financeira feminina traz como referência o divórcio, mas não deixa de ser uma variável nas estatísticas. Em 2018, o IBGE registrou 385.246 separações em cartório, equivale a 3,2%. A proporção é de três casamentos para um divórcio (IBGE, 2019). A maioria das separações aconteceu entre casais com filhos menores de 14 anos. Segue abaixo o gráfico 3 referente à quantidade de casamentos e separação no ano de 2018.

Gráfico 3: Casamentos e divórcios 2018



Fonte: Estatísticas do Registro Civil 2018

Ao total foram 1.503.467 casamentos para 385.246 divórcios. A separação abre espaço para novas formações de família como mães que ficam com a guarda dos filhos; ou ao contrário, o pai responsabiliza-se com os cuidados dos filhos, entre outras situações. Como o IBGE visa à questão financeira em muitos aspectos, O instituto

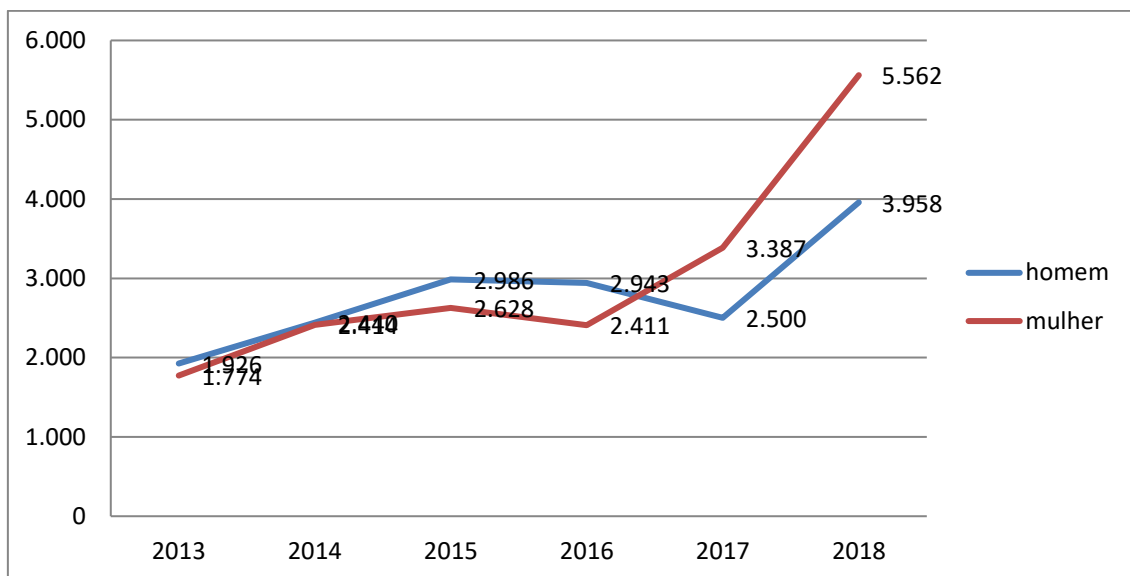
observou em seus dados que o número de mulheres independentes que sustentam a família cresce desde 2001. Verificou-se que em 15 (quinze) anos o número de famílias chefiadas por mulheres dobrou. As mulheres que tomavam decisões na casa, em 2001, eram em torno de 14,1 milhões, já em 2015, o número passou para 28,9 milhões. Em 2018, o número de mulheres que chefiam a família cresceu 47%.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) revelam que, desde 2005, o perfil composto unicamente por pai, mãe e filhos deixou de ser maioria nos domicílios brasileiros. Na pesquisa de 2015, o tradicional arranjo ocupava 42,3% dos lares pesquisados. Uma queda de 7,8 pontos percentuais em relação a 2005, quando abrangia 50,1% das moradias. Por outro lado, novas tendências ganharam força. Em 2015, por exemplo, quase um em cada cinco lares era composto apenas por casais sem filhos (19,9%), enquanto que em 14,4% das casas só havia um morador (NETO, 2017, p. 18).

O IBGE também verifica casais sem filhos, ou um dos pais que arcam com os filhos sozinhos e as pessoas que moram sozinhas consideradas unipessoais. Desde 2005, o instituto aponta que o número de casais sem filhos e pessoas que decidem morar sem parentes ou parceiro (a) cresceu. O IBGE (2016) informa alguns fatores que levam as pessoas morarem sozinhas e a decisão de casais para não terem filhos, está relacionado ao aumento da esperança de vida; o declínio da fecundidade; a migração para áreas urbanas; o aumento da escolaridade e da inserção das mulheres no mundo do trabalho; a atualização na legislação sobre divórcio, separação e o aumento de casais do mesmo sexo.

Em 2019, a Estatística do Registro Civil divulgou no *site* do IBGE, que os casamentos homoafetivos cresceram 61,7% no ano, diferente da estatística dos casais heterossexuais que estão cada vez mais assinando divórcio. O IBGE apresentou 9.520 casais homoafetivos que decidiram se unir em 2019. Apesar do crescimento, o casamento entre homossexuais corresponde a somente 0,9% do total de uniões registradas no país (IBGE, 2019). Verificamos que houve um total de 3.958 casamentos entre homens com a porcentagem de 29,6% registrados apenas no mês de Dezembro de 2018. Da mesma maneira entre os casais formados por mulheres, foram avaliados 5.562 casais femininos com a representatividade de 34% dos casamentos registrados. Entre casais heterossexuais, os números de casamentos registrados no final de 2018 corresponderam a um total de 11,3%. Observa-se os resultados no gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4: Série histórica de casamentos homoafetivos



Fonte: Estatísticas do Registro Civil 2018

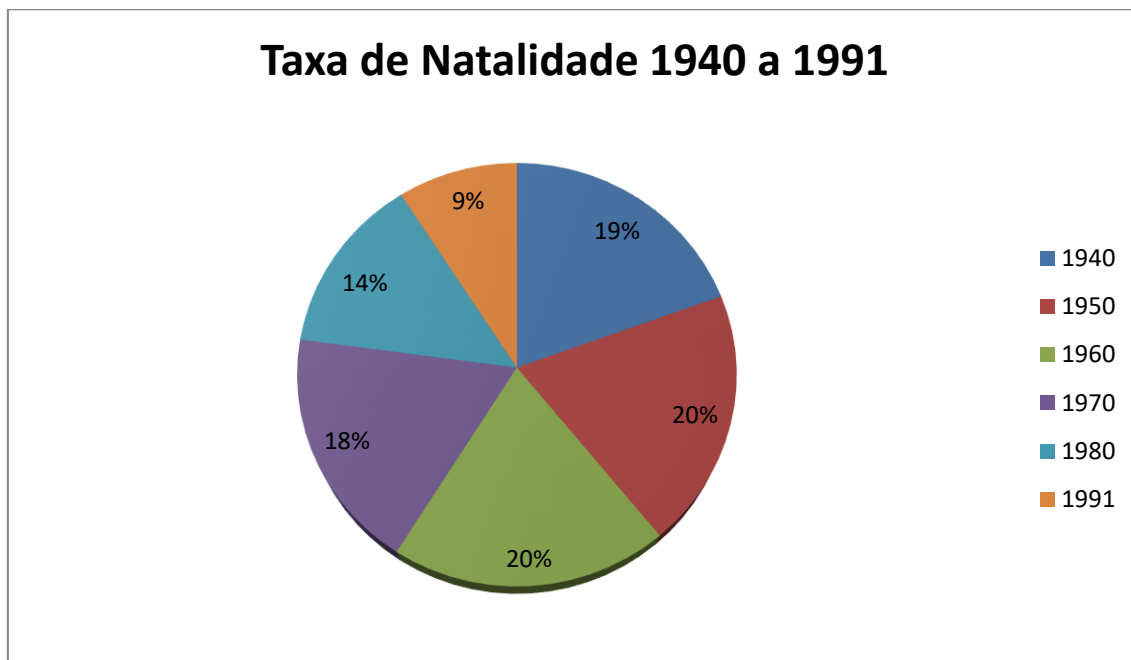
Em relação à análise do gráfico, observamos o crescimento do casamento homoafetivo que acontece de 2013 a 2018. Apesar de que os demais anos, de 2014 a 2017, resultaram altos e baixos. Segundo o IBGE (2015) De 2013 para 2014 houve 50,3% (2.440) eram entre cônjuges femininos, e 49,7% (2.414) entre cônjuges masculinos. A partir de 14 de maio, quando se iniciou os registros dos casamentos homoafetivos, até o final do ano de 2013, foram registrados 3.701 casamentos. Já em 2016 para 2017 houve uma queda em relação ao casamento entre homens apresentaram um total de 2.500. Porém, com o resultado do casamento entre mulheres ocorreram 3.387 no total, juntos, os casamentos homoafetivos aumentaram 10% com o resultado de 5.887.

Na sequência, em 2018 foi apresentado uma pesquisa em relação à família unipessoal e casais que não desejam gerar filhos. De 2005 para 2015 a quantidade de casais que decidiram não ter filhos cresceu de 15,2% para 20%. As pessoas que decidiram viver só (unipessoais) passaram de 10,4% para 14,6% na década. Esse resultado da pesquisa elaborado pelo IBGE foi uma estatística analisada através do número total de famílias no Brasil, com mais de 71,2 milhões de famílias por todo país.

Verificamos que a taxa de natalidade apresenta uma queda de 70% de 1970 a 2018. Em 1970, nasceram 5,76% de crianças. Em 2018, apenas 1,65% de bebês em todo Brasil. Como informado anteriormente, os objetivos mudam de acordo com situações

distintas para propor a decisões em constituir uma família tradicional ou nuclear, ou de morar sozinho (a). Principalmente as decisões das mulheres, pois significa que elas ganharam novos papéis, novas questões e a posição social da mulher no país seguem em mudança.

Gráfico 5: Série histórica de taxa de fecundidade 1940 a 1991

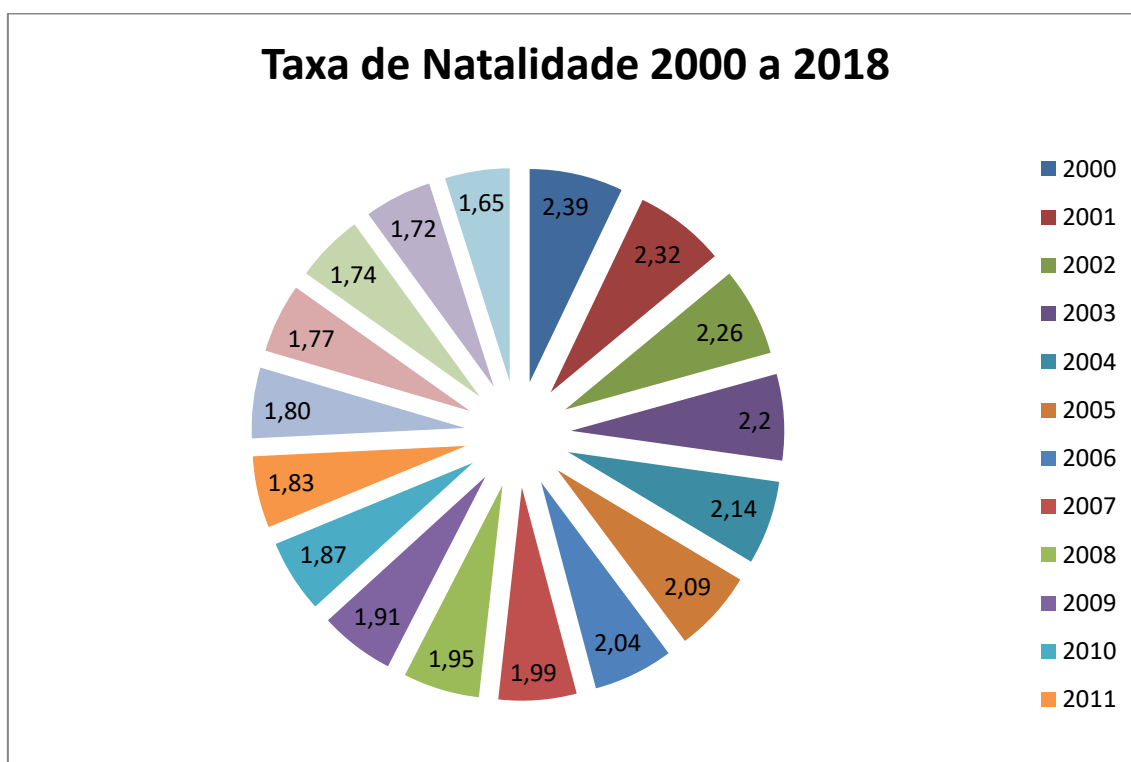


Fonte: Estatísticas do Registro Civil 2018

O gráfico acima apresenta a evolução das novas características das famílias brasileiras. Nos anos noventa (1990), a tendência de prosseguir com grupo maior de pessoas convivendo no mesmo local, a conhecida família tradicional, foi diminuindo aos poucos. Observamos que em 1940 a maioria dos casais queriam filhos, com a taxa de 6,16%. Até 1960, o país passou um pouco mais de 6,28%, a decadência começa em 1970, dez (10) anos após Revolução Feminista em 1960. Pois, no Brasil, apesar de revolução ter ocorrido inicialmente na década de 1970, o feminismo alcançou expressão com movimentos de mulheres organizados em torno de reivindicações por políticas e serviços públicos, pela redemocratização e direitos, ressaltamos que as mulheres sempre estiveram presentes nos processos de luta e resistência do país, ainda que o feminismo e suas pautas não se expressassem como a luta central (DURIGUETTO; ALGANO; 2018. p. 03). A tendência é que 2019 apresentem resultados ainda menores de taxa de natalidade, pois o número de jovens, principalmente mulheres que decidem melhorias de vida, cresce cada vez mais.

Observamos que a informação do gráfico 5 considera as informações das famílias uniparentais, pois surgiram desde a década de 1980. Houve uma taxa de 6% em 1981 e 7% em 1986. Seguem estacionados com 7% e até 1992 e voltam a crescer com 9% em 1999. Vejamos que houve o crescimento de divórcios, jovens independentes e viuvez. O gráfico 6 abaixo, revela o quanto a taxa de natalidade diminuiu nos anos 2000 com 2,38%, dez anos após com reaparecem nas pesquisas com a taxa de 1,9%. Em 2018, dezoito anos após a taxa de 2,38% do ano dois mil, chegamos com 1,65% de nascidos no Brasil. Os casais que ambos os membros trabalham chegam a 20% em 2018, e a família unipessoal passa a 15%, fazem parte dessa porcentagem pessoas que moram sem cônjuge, filhos, outros parentes e agregados. O crescimento da família unipessoal começa precisamente em 2007 com a taxa de 11% e desde então cresce. Em relação à renda 34% são pessoas assalariadas até um salário mínimo. Em relação à idade, são pessoas com 60 anos ou mais de idade. Em relação a sexo são 49% de homens e 50% das mulheres que decidem morar sozinhos.

Gráfico 6: Série histórica de taxa de fecundidade 2000 a 2018



Fonte: Estatísticas do Registro Civil 2018

Nas palavras de Moscovici (2012), as representações sociais podem ser caracterizadas como sistemas de valores, ideias e práticas, com a dupla função de

possibilitar as pessoas a se orientar e controlar o mundo material e social, bem como viabilizar a comunicação, nomeação e classificação de vários aspectos do mundo individual e social. Conseqüentemente novos significados são construídos e imaginados de acordo com os contextos que os atores sociais são inseridos. Depois de construídas, as representações sociais podem ser modificadas e contribuir para a construção de outras representações. Por isso, os fatores que ocorreram ao longo da história na sociedade mexeram na formação da família brasileira, além de abrir espaço para novas famílias como as homoafetivas e uniparentais.

Passamos então a avaliar a seguinte questão, será de que os livros didáticos de sociologia, ao tratarem do tema família e relações de parentesco, constroem uma representação de família alinhada com a forma como essa instituição se apresenta na atualidade? No próximo capítulo respondemos a essa pergunta com a avaliação dessa nova família contemporânea presentes nos livros de Sociologia aprovados pelo PNLD 2018.

4 REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA

4.1. Livros didáticos de Sociologia avaliados

Neste capítulo analisamos todos os livros didáticos de Sociologia que foram selecionados pelo PNLD⁵ 2018. O objetivo dessa análise é verificarmos algumas imagens a luz da perspectiva moscoviciana acerca das representações sociais. Observamos se os livros didáticos, ao discutirem o tema “família”, constroem uma representação dessa instituição social capaz de evidenciar as variadas formas apresenta na atualidade. Para isso, confrontamos tais representações com informações oriundas do PNAD.

No ano de 2018 foram aprovados apenas cinco livros de doze inscritos. O número de livros inscritos e aprovados obteve uma decadência, diferente que ocorrerá nos anos anteriores. Em 2011, de acordo com o Guia do Livro Didático de Sociologia 2012, foram avaliados 14 livros didáticos de Sociologia, dentre eles apenas dois (02) livros estavam dentro dos critérios e foram aprovados. Em 2015 o processo para a escolha dos livros deu início no ano de 2013, nesse ano foram inscritos treze (13) obras. Apenas seis livros foram aprovados. Para o processo de escolha dos livros do PNLD 2018, as avaliações começaram em 2015. Foram doze (12) obras avaliadas e apenas cinco (05), como informado antes, foram aprovados.

Quadro 1: Livros Selecionados Pelo PNLD 2018.

Livro Didático	Autor (a)s	Editora	Edição/Ano de Lançamento
Sociologia	Benilde Lenzi Motim; Maria Aparecida Bridi e Silvia Maria de Araújo.	Editores Scipione	2ª Edição 2016
Sociologia Hoje	Celso Rocha de Barros; Henrique Amorim e Igor José de Renó Machado.	Editores Ática	2ª Edição 2016

⁵ O Programa Nacional do Livro e do Material Didático-PNLD é um programa do Ministério da Educação-MEC, que destina avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, dentre outros materiais de apoio à prática educativa, aos estudantes da rede pública do ensino brasileiro. Em 1937, iniciou com outra designação, de acordo com o Decreto-Lei Nº 93, de 21 de Dezembro de 1937, o papel do PNLD era de organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, revendo-lhes as sucessivas edições; editar toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional; promover as modificações necessárias para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país bem como para facilitar a importação de livros estrangeiros; incentivar a organização e auxiliar a manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional.

Tempos Modernos, Tempos de Sociologia	Helena Bomeny; Bianca Freire-Medeiros, Raquel Balmant Emerique e Julia O'Donnel.	Editora do Brasil	3ª Edição 2016
Sociologia em Movimento	Afrânio Silva et al.	Moderna	2ª Edição 2016
Sociologia Para Jovens do Século XXI	Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa.	Imperial Novo Milênio	4ª Edição 2016

Fonte: Elaboração Própria

4.2. Descrição e análise do livro Sociologia

O livro possui 392 páginas com 12 capítulos. Na apresentação do livro há um objetivo que incentiva a imaginação sociológica⁶ e cumprir no tratamento dos diversos temas, com consistente fundamentação em teorias clássicas e contemporâneas. Essa característica está presente em todo o livro e mostra resultados bastante positivos, principalmente quando o assunto família é abordado. O sumário apresenta o tema família com um capítulo específico. O capítulo 3 - “A família no mundo de hoje” - informa o que há de moderno na família brasileira e as mudanças que ocorreram para chegar às novas estruturas familiares apresentados na modernidade. Dessa forma, as autoras conseguem envolver a Sociologia com a situação atual da família brasileira. Este capítulo começa na página setenta e sete e finaliza na página cem.

O objetivo do capítulo é transmitir para os discentes os motivos de que a família brasileira é considerada uma instituição social, onde tudo começa com as origens da família patriarcal no Brasil, assim, percebe-se a influência da ideologia patriarcal nas configurações da família nas sociedades ocidentais. Em sequência, procede com o tema família Nuclear, pois avaliam o sentido da família em relação a sua composição, pois sempre foi vista com pai, mãe e no máximo três filhos.

Após revelar a origem da composição familiar que perpetuou décadas, o livro analisa as mudanças sociais envolvidas no reconhecimento de diferentes arranjos familiares. O capítulo conceitua a palavra família até desenvolver a ideia de laços de parentesco, para explicar que as novas formações de família desenvolvem-se através desse vínculo de afinidades. Os laços são desenvolvidos pelas pessoas com o mesmo

⁶ O pensamento sociológico, descrito por Wright Mills (1969) determinado como uma prática criativa, que define como “imaginação sociológica”. Essa prática criativa seria a tomada de consciência sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade mais ampla. Trata-se da capacidade de conectar situações da realidade, como os interesses em disputa, percebendo que a sociedade não se apresenta de determinada forma por acaso.

interesse de sentimentos e necessidade de sobrevivência em conjunto. Essa parte o do capítulo começa a demonstrar que famílias podem ser formadas com qualquer parente, além da convivência com os pais, quando criança, esposa ou marido e filhos. Outra questão que o capítulo pontua é sobre as distintas formas de parentesco e formação de família com membros do mesmo sexo, até a chegada do momento que há adoção de crianças para conviver com esses membros.

Para auxiliar nestas informações, os autores buscam em base nas pesquisas que o IBGE apresenta sobre a temática. As informações foram repassadas e são atualizadas de acordo no que foi representado no capítulo 2 desse tratado acadêmico. O livro abre esse espaço para verificar como as famílias contemporâneas dividem a socialização, com opiniões e transmissão de valores e comportamentos, para com a escola, os meios de comunicação e outras instituições sociais.

Em relação às imagens, a primeira imagem que verificamos no capítulo 03 aparece na página inicial. Trata-se de uma charge retratando um museu, que expõe um quadro de uma família nuclear sendo observado por um casal da família contemporânea, formada por duas mulheres e seu filho. Neste caso o que verificamos é que a família nuclear não seria o único tipo de formação familiar que faz parte do século XXI. Desconstrói a ideia de que a família nuclear é a única e considerada normal dentro dos parâmetros da heteronormatividade. Quanto às cores da imagem, notamos que a família no quadro foram desenhados com a cor acinzentada, caracteriza uma foto preto e branco para simbolizar uma foto de época. Enquanto o casal de lésbicas e seu filho estão em cores. É notório que a charge exagera ao ponto de informar que a família nuclear faz parte de um contexto histórico que está ultrapassado. Moscovici (2012), afirma que a relação entre imagens visuais e representações sociais se expressa pela própria estrutura da representação, que possui um componente imagético.

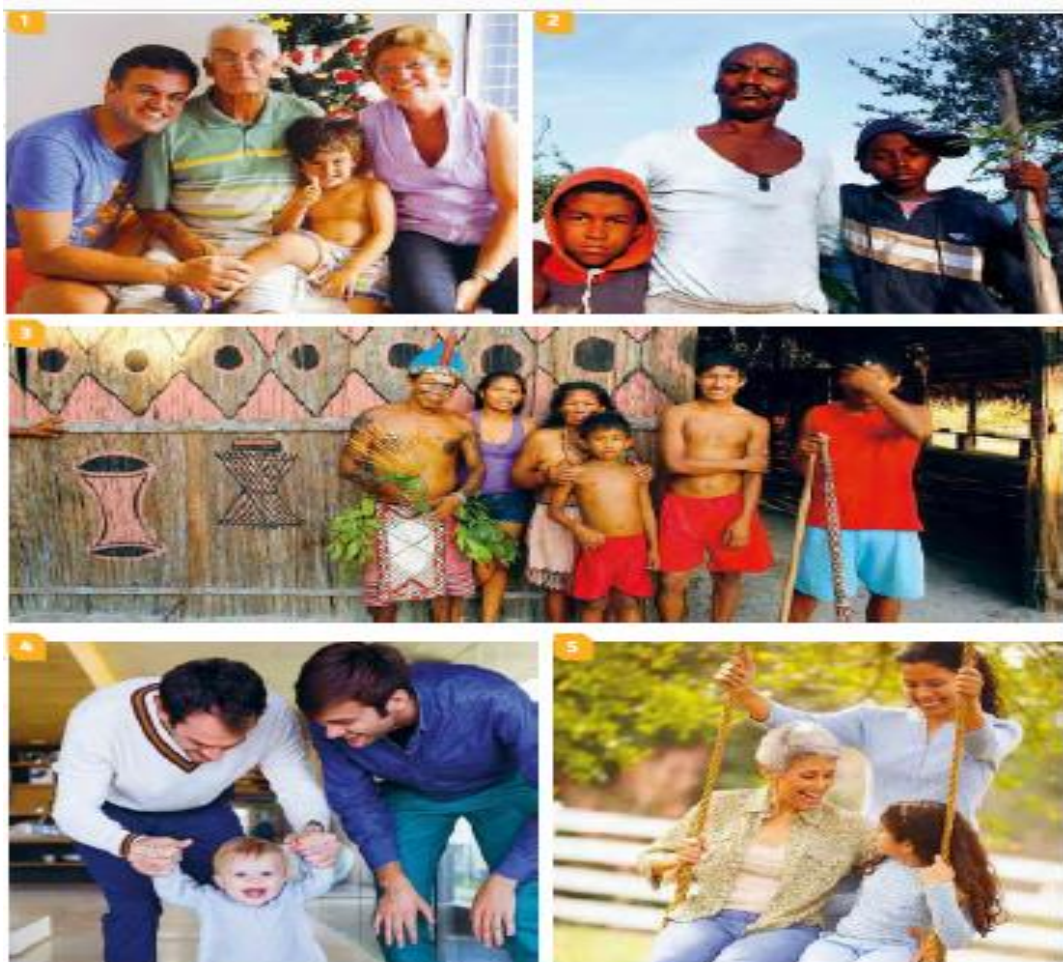
Figura 1: Representação de museu



FONTE: SOCIOLOGIA (2016, p. 77).

A ideia de direcionar a imagem acima na primeira página foi justamente para desconstruir a visão de que exista apenas a família nuclear, pois para aqueles jovens que são habituados na determinação de um tipo de família consideram a nuclear como modelo único e exclusivo sobre justificativas baseados nos membros (homem, mulher e filhos). Além disso, a imagem compõe com o conceito “laços de parentesco” e os “vínculos de afinidades”, dessa maneira o capítulo informa que não há um único modelo de estrutura familiar, pode acontecer à variação de quantidade de membros e na composição de cada família.

Figura 2: Modelos de estrutura familiar



FONTE: SOCIOLOGIA (2016, p. 81).

A imagem apresenta cinco tipos de família com número e componentes distintos e variados. Verificamos que as imagens registram momentos e sentimento de felicidade no intuito de que o discente perceba que o tradicionalismo não é a única formação de família que traz felicidade, estabilidade entre outros tipos de sentimentos abstratos. Há imagens de família com falta de membros e também substituições. Percebemos que a imagem do casal homoafetivo, por exemplo, demonstra os mesmos sentimentos de uma família heteronormativa. Até então foram dois registros de imagens que apresentam conteúdos de parceiros homossexuais, assim afirma Moscovici (2003), que para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu.

A próxima imagem remete a família como instituição social, à imagem apresenta um grupo de estudantes aprovados no exame vestibular e comemoram com seus familiares. Percebemos que as regras da sociedade remetem na formação familiar, a

partir do momento que essas regras são colocadas em prática por muitas pessoas. Ou seja, é um comportamento que está inserido como característica da família, como se fosse de suma importância os pais demonstrarem tamanho sentimento de orgulho ao receber a informação de que o filho foi aprovado no exame de vestibular. Ou seja, os pais têm o papel fundamental na formação dos filhos, para transformá-los no ser social.

Figura 3: Comemoração de jovens aprovados no exame vestibular.



FONTE: SOCIOLOGIA (2016, p. 84).

As representações sociais têm uma ação anti-institucionalizadora na cultura e anticonvencional nas instituições, na medida em que têm a capacidade de subverter objetos, conceitos já estabelecidos e teorias científicas em novos conteúdos, sob critérios nada rígidos e com resultados imprevisíveis, afirma Moscovici (1990). Ou seja, nada é comprovado de que haverá conclusão de curso, ou até mesmo o sucesso, o bem-estar e o reconhecimento desses jovens, nada estarão garantidos.

Em relação às mudanças na estrutura familiar, a próxima imagem está inserida no tema “movimentos sociais” e remete a uma das conquistas no mundo LGBTQIA+, trata-se do casamento homoafetivo que formalizou em 2011. A imagem apresenta-se na metade da página, com descrição de felicidade e acompanhada de informações que prescrevem a luta pelo direito de igualdade, pois ainda há continuidade. Observamos que na imagem os convidados estão segurando a bandeira colorida LGBTQIA+, e que outra bandeira, também que representa o movimento, forra a bancada do juiz. Verificamos que os indivíduos que constituem uma formação familiar tradicional não

aceitam a mudanças em relação à formação de famílias que fogem desse tradicionalismo.

Figura 4: Casamento homoafetivo



FONTE: SOCIOLOGIA (2016, p. 98).

É de se esperar que o preconceito funcione como um dos mecanismos por meio dos quais as representações levem os participantes a apoiarem as políticas discriminatórias contra os homossexuais (PEREIRA Et.al. 2011, p. 07). Percebemos que a discussão do tema providas em sala de aula deve ser tratada com abrangência e plenitude nos direitos LGBTQI+.

4.3. Descrição e análise do livro Sociologia Hoje

O livro possui 328 páginas e 15 capítulos. O objetivo do livro é aproximar as investigações, reflexões e teorias das Ciências Sociais do seu cotidiano, como instrumento de reflexão crítica sobre o seu dia a dia, a sociedade que vivemos, a sua história e o mundo contemporâneo. Segundo os autores, o livro apresenta fundamentos em relação a estimular críticas baseados em dados do mundo contemporâneo, já que a ideia é analisar o cotidiano. Ao analisarmos os capítulos que abordam o tema família verificamos que o viés tomado pelo livro apresenta uma realidade aproximada aos parâmetros antropológicos.

Na primeira unidade denominada “cultura”, avistamos cinco capítulos. O tema família é abordado como forma de parentesco. No capítulo 1 “Evolucionismo e diferença” encontramos o tema “Parentesco e propriedades: modos de organização social”, cujo tema apresenta a origem da civilização, a passagem da barbárie para uma nova sociedade, que foi avançada através de propriedade privada. Ou seja, as propriedades privadas ajudaram a criar civilizações e assim formar famílias.

O tema informa que a palavra família nada mais é do que um nome dado para um sistema de parentesco, que consiste em categorias e papéis estabelecidos. Por exemplo: ao dizer a palavra “mãe”, não estamos apenas nos referindo numa posição em um sistema de relações, mas também a um papel específico. Ou seja, atribuiu-se uma série de valores, obrigações e sensações a cada categoria de parentesco. Já em determinadas sociedades, “mãe” não significa apenas ser progenitora de alguém, também pode ser considerada uma pessoa a quem devemos respeito e aguardamos determinado comportamento. Uma maneira distinta do pensamento de Durkheim em relação aos papéis determinados pelos fatos sociais, por exemplo.

Mais adiante seguimos com o próximo tema que está presente no capítulo cinco “Temas contemporâneos da Antropologia”, que apresenta o subtópico “gênero e parentesco”, situado na página noventa e quatro, com apenas três páginas. Segundo o capítulo, o parentesco sofreu transformações ao longo do tempo e que hoje as influências foram dadas pela discussão feminista. O motivo é que a mulher está relacionada à natureza e o homem está relacionado à cultura, pois a figura feminina está segregada ao mundo doméstico e o homem circula na esfera pública. É um contexto relacionado ao machismo e posições referente a ambos o sexo. A seguir, verificamos a imagem que retrata essa posição social de ambos os sexos.

Figura 5: Posição social do homem e da mulher



FONTE: SOCIOLOGIA HOJE (2016, p. 95).

Essa imagem foi retirada de uma propaganda Norte-Americana da década de 1950 onde verificamos uma reprodução do contraste da mulher como o ser privado e o homem como ser público. Reparamos na frase “Show her it’s a man’s world”, que significa “Mostre a ela o que é um mundo masculino.” Está basicamente relacionado aos deveres da mulher em relação ao comando do homem, de que a mulher deve permanecer em casa e cuidar do lar no papel de submissa, enquanto o homem está livre para realizar procedimentos e serviços externos, considera que apenas o mesmo poderá citar regras e sustentar o ambiente doméstico. Verificamos que a mulher foi retratada com ser domesticável, em posição de uma serviçal. O homem como provedor da casa, retrata o papel de amo, esse era o consenso de representação social familiar até a década de 1950, antes de o Movimento Feminista surgir nos Estados Unidos nos anos de 1960.

Para Moscovici (1986), o conflito enfrentado pelas mulheres que aspiram ou já exercem posições de liderança em termos amplos, é uma transição entre a marginalidade social da mulher no mundo do trabalho e o reconhecimento de que a liderança eficaz não passa necessariamente por possíveis atributos exclusivamente masculinos (CORSINI; ET al. 2004). Ou seja, as mulheres em posição de líderes, pelo menos na década de 1950, seriam consideradas anomalias, pois estariam fora do seu posicionamento relativo à submissão.

4.4. Descrição e análise do livro *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

O livro possui uma breve introdução e 22 capítulos, todo conteúdo didático finaliza na página 377. O seu diferencial está voltada à apresentação das áreas das Ciências Sociais, utiliza o filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, como operador metodológico e se baseia em grandes pensadores da disciplina para trabalhar com cenas do filme, conduzindo o estudante ao questionamento sociológico da modernidade. O tema família está presente no subtópico três “A Sociologia vem ao Brasil”, no capítulo quatorze “Brasil, mostra a tua cara!”, o tema apresenta-se em “As muitas famílias” situado nas páginas 223 a 225. Divergente dos livros didáticos anteriores, o assunto inicia com uma mera preocupação ao qual se dirigem as pessoas de idade que viveram séculos anteriores. Uma indagação que mencionam os idosos para saber o que pensam sobre a nova formação da família na nova geração, formações de família com pessoas do mesmo sexo ou mulheres divorciadas que realizam o papel de chefe de família. Segundo Martins (2013), historicamente, a família vem sofrendo uma série de alterações, desde a sua estruturação até as suas formas de funcionamento. Essas mudanças ocorrem obedecendo as características sociais, culturais e econômicas da humanidade, dentro de cada momento histórico.

Mais adiante, verificamos que são apontados temas relacionados às mudanças do perfil e comportamentos das mulheres na posição social são apontadas no livro. Observamos que há informações sobre o casamento e de mães solteiras que se tornaram chefes de família que entraram para o mercado de trabalho para sustentar seus filhos, “deseestrutura” assim, a família tradicional brasileira. Verificamos que para enfatizar a desconstrução familiar tradicional para criação de novos arranjos familiares, os autores se baseiam em Durkheim.

Fatos sociais é um conceito, ideal diríamos, para trabalhar com a pluralidade familiar. Porém, quando um jovem receptor observa a imagem que consta na página 224, de imediato mostra a imagem de um casal homoafetivo e verificamos que o conteúdo não explana conceitos que possa avaliar melhor a imagem. A imagem deve trabalhar em conjunto com o texto, e de maneira simples o texto informa que “a vida em sociedade está cheia de casos que revelam tensões não só no Brasil como em outros países, e o que uns escolhem ou defendem podem parecer ofensivos para outros.” Nada mais complementa nem o uso dos conceitos da Sociologia, não há desenvoltura e

conexão entre imagem e contexto, apenas uma explicação rasa para uma imagem com qualidade.

Figura 6: família homoafetiva



FONTE: TEMPOS MODERNO, TEMPOS DE SOCIOLOGIA (2016, p. 224).

O discente diante do desconhecido os julgamentos, rótulos são criados, principalmente quando é algo que o jovem possa desconhecer. O universo do jovem está rodeado de senso comum, é perceptivo a impossibilidade do jovem classificar a imagem que envolva o preconceito. Segundo Moscovici (2003) ao nomear algo, nós o tiramos do anonimato perturbador e o levamos à na matriz de identidade de nossa cultura. Dar nome, dizer que algo é isso ou aquilo – se necessário, inventar palavras para esse fim – nos possibilita construir uma malha que seja suficientemente pequena para “impedir que o peixe escape” e, desse modo, nos dá a possibilidade de representar essa realidade.

4.5. Descrição e análise do livro Sociologia em Movimento

O desejo dos autores é que o livro contribuísse para ampliar os horizontes da experiência do discente sobre os mais variados fenômenos sociais, a partir do contato com novas formas de compreensão e apropriação da realidade. Livro possui 15 capítulos com 393 páginas no total. O capítulo sobre gênero e sexualidade traz uma questão sobre o feminismo, apresenta as conquistas e oportunidades que a mulher conseguiu conquistar desde o início da luta pelos mesmos direitos que o sexo masculino. Temas como: Identidade de gênero; desigualdade de gênero, androcentrismo

e patriarcado são discutidos e grandes imagens foram colocadas no livro de maneira marcante e que causam impacto positivo. São fotografias referentes à manifestação no dia 08 de Março de 2013, profissões que antes eram permitidas apenas por homens e hoje há participações das mulheres, como jogadora de futebol, mulheres motoristas do transporte público, são essas mulheres que conquistam espaços no meio masculino e mudam o padrão cultural. Isso significa que até um determinado momento a mulher foi considerada escrava do homem, a escravidão aparece de forma ainda latente e muito rudimentar na família, mas já constitui a primeira propriedade (MARX e ENGELS, 2007, p. 47). Sobre essa e outras condutas do homem que o autor Moscovici questionou a capacidade do ser humano como ser pensante, ou seja, racional, mas através de suas pesquisas percebeu que a representação social está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel. Ao mesmo tempo, diante da enorme massa de traduções que executamos continuamente, constituímos uma sociedade de sábios amadores (Moscovici, 1978).

FIGURA 7: Conquistas femininas (direitos iguais ao sexo oposto)



FONTE: SOCIOLOGIA EM MOVIMENTO (2016, p. 336; 340; 346).

Até certo período do século XXI o futebol feminino e mulheres motoristas não se destacavam no âmbito cultural, por serem profissões demarcadas pela masculinidade. A presença da agressividade e brutalidade no futebol e todo maquinário do veículo remete a serviços masculinos que afetam a fragilidade feminina, pela falta de costume e a questão cultural grande parte da sociedade, principalmente o sexo masculino, não acreditavam na capacidade das mulheres, pois eram consideradas práticas direcionadas no ideal do ser “homem”. Segundo Moscovici (1978), a pressão causada por grupos considerados dominantes fazia com que houvesse uma padronização de comportamento, condenando assim qualquer outro que fugisse da “normalidade”.

4.6. Descrição e análise do livro Sociologia para Jovens do Século XXI

De acordo com a descrição do livro, os capítulos dos livros começam com a apresentação de fatos e ideias da vida cotidiana. Os conceitos sociológicos são introduzidos e aprofundados a partir de uma problematização inicial de como esses fatos e ideias são formulados no nível do senso comum. O livro possui 22 capítulos, e a temática está no capítulo 3 que começa na página 48 e finaliza na página 49, apresenta o subtópico “Papai, mamãe, tia e os outros...”, traz como assunto principal a família como instituição social. Sabe-se que os primeiros indivíduos que as pessoas se interagem são os membros da família. E por serem a instituição primordial, ela é a que mais influencia e tem impactos sobre qualquer instituição social⁷. Entretanto, as famílias também recebem influências de outras instituições sociais, como também da história de uma determinada sociedade.

Em sequência as reflexões sobre o tema família submetem ao aluno a pensar sobre diversidade. O subtópico mostra que a família é constituída através dos laços de parentesco, convivências e necessidades mútuas. Pois a família varia a depender da cultura, ou seja, hábitos, costumes e valores de uma determinada sociedade, isso interliga com as relações econômicas, das relações com determinada religião e outros

⁷ A instituição social é um mecanismo de organização da sociedade, é o conjunto de regras e procedimentos padronizados socialmente, reconhecidos, aceitos e sancionados pela sociedade, cuja importância estratégica é manter a organização do grupo e satisfazer as necessidades dos indivíduos que dele participam. As instituições são, portanto, conservadoras por essência, quer seja família, escola, governo, religião, polícia ou qualquer outra, elas agem contra as mudanças, pela manutenção da ordem vigente (Durkheim, 2007, p. 15).

fatores. Dependendo da sociedade, fatores como religião podem aceitar ou não casamentos do mesmo sexo ou outros variantes. Percebemos que é uma maneira estratégica do subtópico tentar desconstruir o tema monogamia e apresentar exemplos de pluralidade de famílias.

Avaliamos que o subtópico não apresenta elementos concretos, como dados do IBGE, para demonstrar quais e quem são os participantes desse novo leque de pluralidade familiar, essa abstinência dos dados apurados pelo instituto ocorre pelo fato do livro apresentar análises que remetem apenas Antropologia. O tema se desenvolve com as ideias do autor Lévi-Strauss (1980) para informar que o parentesco é uma estrutura formal, universal e própria do ser humano, e que uma família não poderia ser formalizada sem a existência da sociedade, isto é, uma pluralidade de famílias dispostas a reconhecer que existem outros laços para além dos consanguíneos e que o processo natural de descendência só pode levar-se a cabo através do processo social da afinidade. Dessa maneira, o livro quebra com as barreiras de que a família monogâmica é de característica universal, pois é o que remetem o número de casais que se juntam e não tem a união estável registrado em casamentos civis ou até de maneira contratual, visto como uma maneira repentina de formalizar a união entre os casais.

No momento que avaliamos a imagem que representa o casamento monogâmico, verificamos que o subtópico não remete o que descreve sobre aceitar a formação familiar no contexto geral. A ideia do casamento tradicional é desconstruída, porém a situação em si sobre o tradicionalismo é demonstrado de maneira preconceituosa. O motivo é que o livro remete para o lado da desconstrução da família tradicional, sobre o ponto de vista de que não existe apenas a composição de dois indivíduos de sexo oposto, como também demonstra que a situação é ultrapassada em relação ao contexto de sua apresentação, os participantes, a maneira que se comportam, as vestias, até mesmo a cor da imagem está nas tonalidades preto e branco, e o tamanho da mesma apresenta no tamanho menor do que as demais apresentadas antes e está localizada no final do texto. A cena em preto e branco retrata justamente algo que acontece há anos e que deveria “romper” tradição.

Sabemos que o casamento é um momento característico da sociedade ocidental que é influenciada pela concepção religiosa judaico-cristã, seja assim considerável de que cerimônias aconteçam raramente pelo fato de que casamentos ainda são realizados na igreja católica, por fazerem parte da tendência e tradição. BITTENCOURT (2018) afirma que se as famílias obstinaram em manter a tradição e o costume antigo –

sintetizados no conceito de *habitus*, por Bourdieu – foram as que mais sofreram com as transformações, não conseguindo adaptar-se aos novos tempos e permanecendo como marginais em meio ao novo sistema social de exploração econômica e vida social.

FIGURA 8: O casamento monogâmico



FONTE: SOCIOLOGIA PARA JOVENS DO SÉCULO XXI (2016, p. 49).

Essa discordância daqueles que seguiram a tradição “sofrem” por fazerem parte involuntária dessa mudança, são claros quanto a sua posição em relação à pluralidade de casamentos, agem com preconceito sobre aqueles que constituem os novos arranjos familiares. É notório que essa atitude esteja enraizada, criou o *habitus* do casamento tradicional entre casais de sexo oposto acontecer principalmente na igreja católica.

Outro ponto interessante é sobre a tonalidade do vestido da noiva, no casamento tradicional em alguns países do ocidente o branco traz o sinônimo de pudor e pureza para o sexo feminino, pois a tonalidade branca do vestido retrata a mulher virgem. De acordo com Foucault (2014), para os gregos existia a substância ética, que “eram atos ligados em sua unidade ao prazer e ao desejo; eram o que eles chamavam de aphrodisia; os quais eram tão diferentes da ‘carne’ cristã quanto à sexualidade”. Nos momentos atuais não há essa cobrança em relação à tonalidade do vestido são pequenos detalhes que foram adaptando para quebrar o tradicionalismo.

Essa imagem aparece no tamanho menor do que as demais, na intenção de desconstrução sobre todas as tradições do casamento. Nas análises do Moscovici (1994) em relação ao comportamento imposto pela sociedade sobre credices e tradições criadas para a conduta e comportamento do homem, informa que o ser humano é visto nessa abordagem como um "cientista imperfeito", que constrói teorias ingênuas sobre o

outro (é o caso das teorias implícitas da personalidade) e apreendem da realidade apenas os elementos que confirmam sua teoria ao invés de construir teorias falsificáveis, isto é, teorias que possam ser refutadas pela experiência - como são as teorias científicas. Ou seja, a questão do vestido de casamento da tonalidade branca para simbolizar a virgindade da noiva, entre outras informações são argumentos sem fundamentos.

Verificamos que certas imagens não poderiam apresentar situações que impõem mudanças de pensamento em relação às tradições, por exemplo, são comportamentos que devem ser desconstruídos com mero cuidado, de modo que o docente explique que as tradições continuam, mas outros tipos de união acontecem dentro da sociedade, sem que haja o momento matrimonial. Não seria necessário o professor ou o livro desmistificar as tradições.

5 TRANSFORMAÇÕES E CONDIÇÕES PARA A NOVA FAMÍLIA BRASILEIRA DO SÉCULO XXI

No capítulo anterior mostramos algumas imagens que pertencem aos livros de Sociologia de 2018, com o intuito de apresentarmos-nos de maneira avaliativa baseado na perspectiva moscoviana. A intenção de verificar a posição crítica de cada autor ou autores sobre cada ilustração com o conteúdo descrito era de perceber que algumas imagens introduzidas nos livros, dependendo da maneira que foram expostas as características da imagem, podem influenciar o aluno. Essas contribuições de ideias podem ser positivas ou negativas para as representações sociais de família, pois os livros didáticos de sociologia perpassam conceitos, imagens e tudo que acontece no país. Moscovici (2003) diz que nosso pensamento pode ser considerado um ambiente social e cultural. Evidentemente, as pessoas estão cercadas, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, imagens, ideias e mensagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossas mentes, quer queiramos ou não, e nos atinge de alguma forma e que as representações são prescritivas, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível.

Verificamos que o livro didático também funciona como um importante meio de comunicação, transmissor de representações criadas pela sociedade. Neste caso quando o autor transmite a informação ou imagens através do livro para o receptor discente, podem acarretar informações trocadas entre os alunos com seus familiares e/ou amigos que não fazem parte do núcleo escolar. Moscovici (2003) afirma que as representações entram para o mundo comum, entram para a realidade do cotidiano, virando tema de conversas como se fizessem parte de tudo o que a sociedade acredita ou defende. Assim, contrapondo esta situação, verificamos como as representações sociais de família apresentadas nos livros, descritas a maneira do autor, podem afetar os novos arranjos familiares do século XXI. Percebemos que algumas imagens contribuíram para favorecimento e também da desconstrução de percepção de determinados arranjos familiares.

No entanto, o papel das Ciências Sociais é discutir os temas no âmbito sociocultural a partir de normas e valores. E quando quaisquer temas apresentam-se nos livros didáticos, eis que por um lado, são indispensáveis para história da educação, em particular para a compreensão das disciplinas, culturas escolares e do pensamento

pedagógico de um determinado contexto (OSSENBACH; SOMOZA, 2001). Essas abordagens temáticas e questões só são possíveis porque os livros didáticos apresentam fontes complexas e podem ser consideradas doutrinárias ou emancipatórias. Entretanto, cabe apenas o percurso que os livros didáticos de Sociologia abordam suas temáticas, e como visto os livros do PNLD 2018 de Sociologia seriam também considerados doutrinas a depender da explanação e comportamento do docente em sala de aula.

Quando um livro didático tenta apresentar uma imagem de maneira que não a favorece, independente do tema que a imagem esteja representando, a má representação desconstrói toda conquista e méritos que foram estabelecidos aos movimentos, por exemplo, para que a sociedade aceite o tema de maneira afável, seria um momento oportuno de o livro favorecer uma determinada situação que ainda procede preconceitos. Como afirma Moscovici (2003), as relações constroem a realidade social dos indivíduos, visto que são contextualizadas socialmente e historicamente. A História e a Sociologia tornam-se os pontos-chaves para melhores transformações e condições desses novos arranjos familiares, mas é de suma importância que o autor mantenha o devido cuidado no momento que for implantar o tema no livro para não desconstruir fatores conquistados.

De acordo com a história as variadas famílias conseguiram seus espaços nos livros de Sociologia, que antes não poderiam ser mencionadas de acordo como era demandada pelo PNLD. Os livros didáticos passavam por observações de critérios de avaliação onde o MEC; FAE e UNESCO fazem parte dessas definições de critério avaliativo até hoje. Porém é chegado um momento que não havia como mascarar situações e informações de transformações que ocorriam dentro do núcleo familiar que já estavam evidentes na sociedade. O IBGE já identificava as variantes familiares, então cabia a Sociologia discutir o tema também nos livros didáticos. Para que de fato a Sociologia procedesse com a temática nos livros, é importante que ocorresse em conjunto com a História, na intenção de contar o surgimento e as conquistas de cada formação familiar, e o mais importante é o autor proceder aos fatos sem que haja o seu ponto de vista, o senso comum.

Verificamos que os livros do PNLD 2018 abordam bastante a questão de gênero e sexualidade para tratar sobre família. Parte dos livros explicam de maneira geral a violência simbólica e física sobre o sexo feminino. Há explicações sobre a posição/papel da mulher na sociedade, a questão da violência contra a mulher e os posicionamentos dos movimentos feministas. Essas explicações repercutem sobre as

causas que levaram esse crescimento de mulheres que decidem viver solteiras e/ou com filhos sem cônjuges, e quais são as consequências em relação as suas escolhas. Sempre das inúmeras justificativas dessa separação civil e carnal entre um casal estará relacionados aos casos de viúves, os abandonos e as violências entre um casal. Em relação ao abandono de mulheres com ou sem filhos, na década 80 para o começo dos anos 90, a incerteza e o estigma massacravam as mulheres e as/os filhas/os abandonados, pois suas vidas de certa forma não poderiam seguir pela incerteza de um pai e marido que, não se sabiam se voltaria. Nessa perspectiva, além de sofrerem com o preconceito social, “muitas levaram a vida amarga e a triste experiência de viverem à espera de seus maridos” (TEIXEIRA, 2004, p. 252).

Nessas épocas informadas acima, várias mães solteiras passavam por preconceitos, sobretudo por estarem sozinhas e se dedicavam apenas aos seus filhos, o modelo da família nuclear sempre esteve no caminho dessas mulheres e perseguiam muitas delas por estarem separadas, se fossem pegas com outros homens eram vistas de mãos olhos pelo restante da sociedade. Nesse tempo o controle do homem sobre a mulher era aparente, pois como apresentou o livro *Sociologia Hoje* (2016) e *Sociologia para Jovens do Século XXI* (2016), a posição que a mulher tinha na sociedade era a submissão ao homem. Por isso houve casos em que os maridos também foram abandonados, evidente que são casos de proporção bem menor, muitas mulheres fugiam pelo maltrato dos companheiros, deixando-os para trás junto com as/os filhas/os (TEIXEIRA, 2004). Mesmo assim, esses casos específicos de abandonos sofridos ou não pelo sexo feminino, o homem nunca perdia suas razões, pois a sociedade os defendia. E mesmo com a chegada do movimento feminista nos anos 70 e o crescimento de famílias uniparentais, o Brasil não deixou de ser um país machista com características típicas de controlar ainda a sexualidade feminina. Atualmente, as mulheres conquistam mais seu espaço e aquisição do respeito.

Dezoito anos após o Movimento Feminista, eis que surge a Constituição Cidadã, seu artigo 1º, inciso II (Brasil, 1988), contempla a cidadania como fundamento da República Federativa do Brasil, que tem como objetivo, dentre outros, promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas de discriminação (art. 3º, inciso IV; grifou-se). A nova constituição alavancou reconhecimentos e mudanças, no artigo 6º nos direitos sociais abrange que todos tenham o direito a educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à segurança, à previdência

social, à proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados. Além de outros direitos atribuídos a população brasileira.

A Constituição Cidadã promove o bem de todos, porém uma minoria ainda sofria preconceito, e eram perseguidos pelos princípios religiosos. Os homossexuais, diante a sociedade, não se encaixariam dentro da nova Constituição. Deixar claro que as medidas constitucionais não equacionam os problemas sociais brasileiros, mas se promulgar algo e está decretado é um direito do cidadão recorrer às constituições. Visto isso, o movimento homossexual, capitaneado, sobretudo, pelo grupo carioca Triângulo Rosa, pelo Grupo Gay da Bahia e pelo paulista *Lambda*, enxergou nessa discussão uma oportunidade de tornar a causa homossexual mais visível e que se contemplasse como garantia constitucional, o direito de homossexuais não mais sofrerem discriminação em virtude de sua orientação sexual (CONDE, 2004).

A atuação dos grupos reverberou também na reivindicação sobre o sentido da palavra “opção”, antes o desejo pelo mesmo sexo estava interligado a palavra como sinônimo de escolha. O desejar era um sentimento atribuído apenas para pessoas heterossexuais e nos anos de 1980 era comum e usual a referência à homossexualidade como uma opção sexual. A palavra usada com frequência para atribuir ao gay era como se fosse sinal de ofensa e traz uma carga de juízo de valor. A ideia de que a pessoa opta pela homossexualidade por se sentir afetiva e eroticamente atraída por alguém do mesmo sexo abre margem para argumentos de que a homossexualidade constitua “falta de caráter, falta de vergonha, insubordinação aos ditames sociais e bons costumes, etc., etc.” (CONDE, 2004).

Nessa época ainda não se discutia a questão do direito de igualdade de gênero, que se diz respeito às demandas para travestis e transexuais. No entanto, o grupo Triângulo Rosa, segundo Câmara (2002) afirmou em seus estudos que o termo orientação sexual surgiu de um amplo debate interno do movimento e de uma série de consultas dirigidas a intelectuais acerca da conveniência em adotar-se essa expressão. Nesse caso, a Constituição Cidadã aceitasse as reivindicações do grupo, em relação ao termo poderia considerar um maior número de identidades sexuais (homossexuais, bissexuais e heterossexuais). Décadas se passaram e ainda a comunidade LGBT sofre preconceitos diante da sociedade, a classe cresce independente do preconceito da sociedade, passou de LGBT passa para LGBTQI+, onde outros desejos sexuais foram surgindo.

A homossexualidade cresce e as discussões sobre gênero e sexualidade repercutem através dos movimentos sociais. A família nuclear nunca esteve preparada para receber a notícia de que seu filho (a) revele sobre a sua sexualidade. Entretanto, como visto no capítulo dois, o número de casamentos homoafetivos crescem desde o ano de 2013. A repercussão da sociedade nuclear ainda não aceita a visibilidade desses casais em convivência entre eles. Ainda não há dispositivo legal expresso que regule por lei a união do casal homoafetivo. Nesse percurso de luta um grande feito ocorreu para esses casais que foi a doação de criança (s).

Antes, até o início do século XX, o conceito de movimentos sociais contemplava apenas a organização e a ação dos trabalhadores em sindicatos (GOSS; PRUDENCIO, 2004, p. 75). Tempos depois passaram a tratar de diversos temas que inclui gênero, raça, etc, tornou-se uma questão que abrange os direitos sociais. Porém sempre no caminho dos Movimentos Sociais a religião apresenta suas reivindicações de acordo com os seus princípios e crenças, como visto no livro Sociologia em Movimento (2016). No entanto, no século XXI a religião não menospreza os direitos do cidadão que não permanece dentro dos princípios religiosos, apenas discorda de suas atitudes consideradas controversas à bíblia. Essas informações apresentadas são situações que foram transformadas ao longo do percurso da história e que são consideradas conquistas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que o PNAD Contínua visa acompanhar situações evolutivas trimestrais em curto, médio e longo prazo que são relativos à força de trabalho e outras informações que envolvem o desenvolvimento socioeconômico do país. Os demais temas são considerados suplementares, dessa maneira informações que envolvem a representação social familiar não aparecem dentro desse período trimestral como notícia lançada no site do IBGE. O site deixa claro que demais temas ou pequenos tópicos ficam disponíveis permanentemente a serem pesquisados com maior periodicidade ou ocasionalmente aparecem de maneira variável no site. A demora da divulgação dos resultados dessas pesquisas consideradas complementares pode dificultar no andamento da pesquisa que se trate do âmbito familiar ou componentes, no sentido de que o resultado não é divulgado no período/tempo corrente em que os resultados foram apurados.

Essa divulgação tardia de informações sobre as postagens dos demais resultados que não fazem parte do núcleo trabalhista, como visto, atrapalha para coleta de dados e isso reflete para a divulgação nos livros didáticos de Sociologia. Alguns livros, que trataram do tema família e sexualidade como: Sociologia, Sociologia em Movimento, Sociologia para Jovens do Século XXI, apresentam resultados do IBGE sobre família uniparental, homoafetiva, informal, etc. E está fora da realidade atual em que os livros foram editados. Dificulta assim saber a realidade de cada situação familiar, o contexto atual e se houve mudanças quantitativas e qualitativas em relação a cada tipo de família.

Constatamos que alguns livros didáticos apresentam situações familiares com o uso de imagens que não foram bem estruturadas e aproveitadas para debater a temática, logo não esclarecem o motivo da imagem que aparece no contexto informativo. Como ponto positivo, isto a todos os livros didáticos e por se tratarem de livros de Sociologia, as imagens não estão divulgadas de maneira preconceituosas ou que remetem o achismo dos autores. De fato, verificamos a desconstrução de requisitos como questões culturais que nos fazem analisar o verdadeiro sentido e o óbvio. Percebemos o cuidado que alguns autores tiveram para tratar de determinados temas como a homossexualidade, sem que causasse e desenvolvesse o preconceito. Porém precisavam ser mais abrangentes. Assim, esperamos que as demais obras aprovadas no PNLD dos anos subsequentes correlacionem o texto e imagem de forma afável para o público estudantil.

7 REFERÊNCIAS

ALVES, Roosenberg Rodrigues. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações. In. II Seminário de Pesquisa da Pós –Graduação em História UFG/UCG. 2009.

ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia**. Editora Scipione. 2ª ed. São Paulo. 2016

BITTENCOUT, Rodrigo do Prado. A FAMÍLIA TRADICIONAL, O CASAMENTO E OS INTERESSES MATERIAIS À LUZ DE BOURDIEU. Estudos de Sociologia, Recife, 2018, Vol. 2 n. 24. 2018.

BOMENY, Helena et al. **Tempos modernos: Tempos de Sociologia**. 3ª ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: www.mec.gov.br/legis/default.shtm.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD 2018: Sociologia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017.

CÂMARA, C. Cidadania e orientação sexual: a trajetória do grupo triângulo rosa. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

CONDE, Michelle Franco. O Movimento Homossexual Brasileiro: sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade federal de Goiás, Goiás, 2004.

CORSINI, L.; SOUZA FILHO, E. A. Um estudo sobre as representações sociais de mulheres executivas: estilo de comportamento e de gestão. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 7, p. 67-80, 2004.

COSTA, Leon Denis da. **Concepção de representação na sociologia clássica**. 2015, p. 133-142.

COSTA, Ricardo César Rocha da; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Sociologia para Jovens do Século XXI**. 4. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

DURIGUETTO, Maria Lúcia; ALAGOANO, Verônica Medeiros. O movimento feminista na produção acadêmica dos cursos de pós-graduação em Serviço Social. Serv. Soc. Soc.no.132 São Paulo Maio. 2018. IN: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282018000200231

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 3. ed. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes ; RAITZ, Tânia Regina. **As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas**. *Rev. Adm. Pública*[online]. 2010, vol.44, n.2, pp.367-383. ISSN 0034-7612.

FOUCAULT, Michel. F86v *Vigiar e punir*: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. Genealogia da Ética, subjetividade e sexualidade: organização de textos e seleção Manoel Barros da Motta; tradução; Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. Volume IX.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOSS, K. P; PRUDENCIO, K. O conceito de movimento sociais revisitado. *Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC*. V2, n.1 (2), p. 75-91, 2004.

IBGE. “Casamentos e divórcios 2018”. Estatística do Registro Civil. 2018. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

IBGE. “População por sexo no Brasil (1872 – 1996)”. Estatística do Registro Civil. 1997. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

IBGE. “Série histórica de casamentos homoafetivos”. Estatística do Registro Civil. 2018. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

IBGE. “Série histórica de taxa de fecundidade 1940 a 1991”. Estatística do Registro Civil. 2018. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

IBGE. “Série histórica de taxa de fecundidade 2000 a 2018”. Estatística do Registro Civil. 2018. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

IBGE. “Tipo de família por domicílios particulares (Brasil – 1991)”. Estatística do Registro Civil. 1997. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

IBGE. Microdados PNAD Continua. (2021). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?edicao=24437&t=resultados>

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 61-85.

Lévi-Strauss, Claude. "A família". In: SPIRO, M. et al., *A família: origem e evolução*. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980 1956 . p. 7-45. Texto publicado originalmente em: Shapiro, Harry L. (ed.). *Man, culture and society*. Oxford University Press, 1956.

LIMA, Gustavo Ferreira Costa. O Debate da Sustentabilidade na Sociedade Insustentável. *Revista Política e Trabalho*, p. 201- 222, setembro de 1997.

MACHADO, Igor José de Renó; AMORIM, Henrique; BARROS, Celso Rocha de. **Sociologia Hoje**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática. 2016.

MARTINS, Edna. Constituição e significação de família para idosos institucionalizados: uma visão histórico-cultural do envelhecimento. Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Guarulhos, São Paulo, Brasil. 2013.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: Feuerbach – A Contraposição entre as Cosmovisões Materialista e Idealista**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MILLS, Wright C. A imaginação sociológica. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. 246p.

MORAES, Erika. Ser mulher na atualidade. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/pdf/.pdf>. Acesso em: 21 mar. 19.2012

Moscovici, S. (2003). O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici & G. Duveen (Orgs.). *Representações sociais: Investigações em psicologia social* (pp. 29-214). Petrópolis: Vozes.

Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Moscovici, S. (2012). A psicanálise, sua imagem e seu público (Coleção Psicologia Social). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1961).

MOSCOVICI, Serge. *A Máquina de Fazer Deuses*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. The Comming era of social psychology. IN SANTOS, Maria de Fátima Souza. Representação Social e a relação indivíduo-sociedade. Temas psicol.. v2 n.3 Ribeirão Preto Dez. 1994.

NETO, J. Novos arranjos familiares. Retratos, a Revista do IBGE, Rio de Janeiro, n. 6, p. 16-19, dez. 2017. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3ee63778c4cfdcbbe4684937273d15e2.pdf

OLIVEIRA, F.O; WERBA, G.C. Representações Sociais. In: *Psicologia Social Contemporânea*. Livro-texto. 8ªed.Petrópolis/RJ: Vozes. 2003.p.104-117.

OLIVEIRA, MÁRCIO S. B. S. DE. "Representações sociais: uma teoria para a sociologia?" III JIRS, Rio de Janeiro, 2 a 5/9/2003.

OSSENBACH, Gabriela; SOMOZA, Miguel. Los Manuales escolares como fuentes para la Historia de la Educación en América Latina. Madrir: UNED, 2001. IN: KULESZA, Wojciech Andrzej. História da pedagogia no Brasil: a contribuição das pesquisas centradas em manuais de ensino. Ver. Bras. Estud. Pedagóg. (online), Brasília, v. 95, n. 240,p. 328-345,maio./ago.2014.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. A. Emergência do Paradigma Ecológico – Reflexões éticofilosóficas para o século XXI. Petrópolis (Brasil), Editora Vozes, 1999

Pereira, C., Torres, A. R. R., Pereira, A., & Falcão, L. (2011). Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27, 73-82.

SAMARA, Eni de Mesquita. O QUE MUDOU NA FAMÍLIA BRASILEIRA? (DA COLÔNIA À ATUALIDADE). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. Psicol. USP vol.13 no.2 São Paulo 2002.

SANTOS, Geovane Tavares dos; DIAS, José Manuel de Barros. **Teoria das representações sociais: uma abordagem sociopsicológica**. In: PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP <http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs> ISSN 1984-4352 Macapá, v. 8, n. 1, p. 173-187, jan.-jun. 2015.

SILVA, Afrânio et al. **Sociologia em movimento**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.

TEIXEIRA, P.E. O outro lado da família brasileira. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

WEBER, Marx. **Metodologia das Ciências Sociais**. Parte 2. Tradução de Augustin Wernet. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1922.

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**. Tradução de Rubens Eduardo F. Friase Gerard Georges Delaunay. 5. ed. rev. São Paulo: Centauro, 2002.